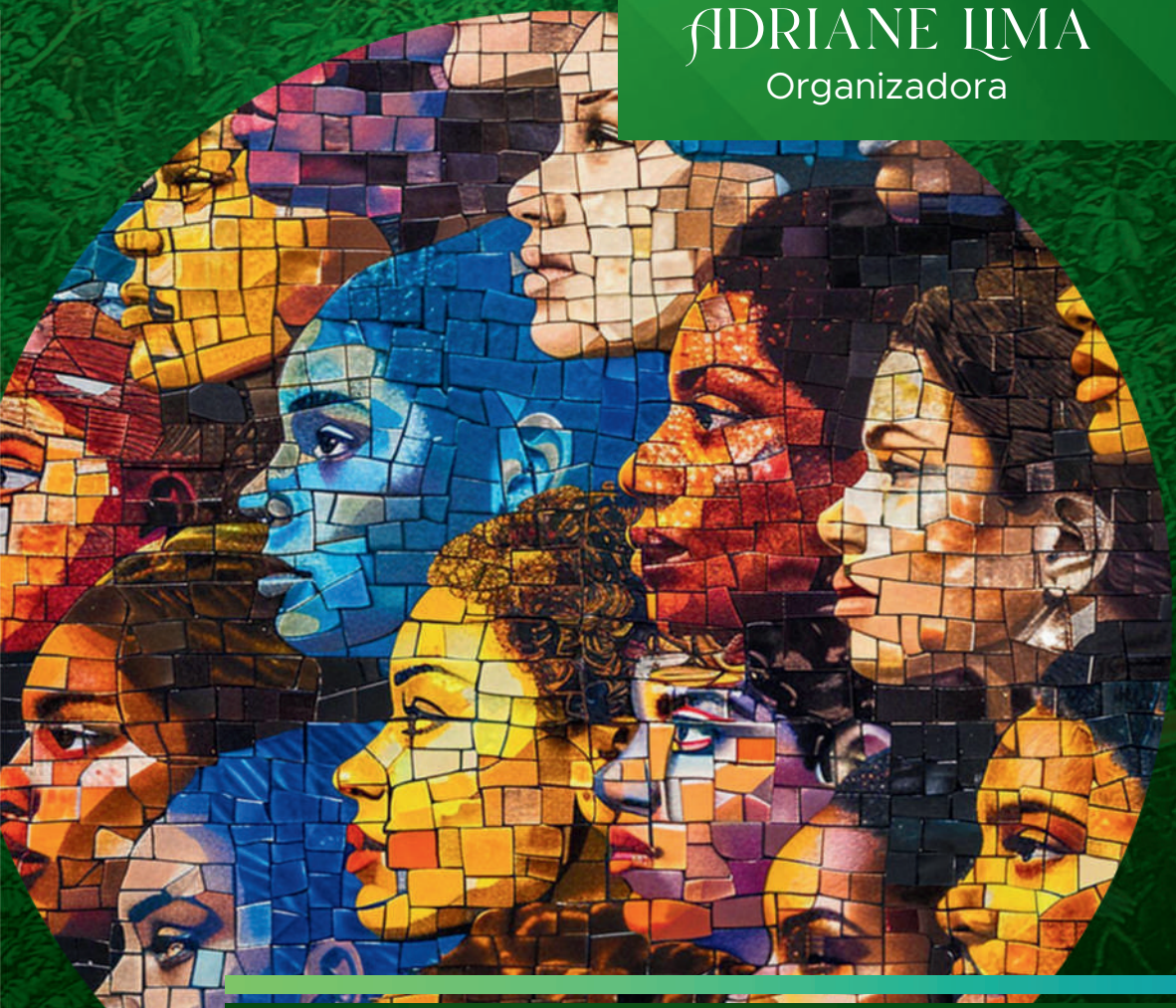
ADRIANE LIMA
Organizadora



VOZES FEMINISTAS DA AMAZÔNIA

glossário pedagógico

Pedro & João editores

Vozes feministas da Amazônia:

glossário pedagógico

Pedro & João
editores

Adriane Lima
(Org.)

Vozes feministas da Amazônia:

glossário pedagógico

Pedro & João
editores

Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Adriane Lima [Org.]

Vozes feministas da Amazônia: glossário pedagógico. São Carlos: Pedro & João Editores, 2026. 154p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-65-265-2966-9 [Digital]

1. Vozes feministas. 2. Glossário pedagógico. 3. Amazônia. 4. Educação popular. I. Título.

CDD – 370

Capa: Marcos Della Porta
Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB – 8-8828
Diagramação: Diany Akiko Lee
Editor: Valdemir Miotello
Diretores executivos: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Editorial da Pedro & João Editores:
Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patrícia da Silva (UERJ/Brasil).

Pedro & João Editores
www.pedroejoaoeditores.com.br
13568-878 – São Carlos – SP
2026

Agradecimentos

Agradecemos a Universidade Federal do Pará.

Agradecemos a Direção do Instituto de Ciências da Educação e a Faculdade de Educação por companheirismo sem necessário.

À turma de educação popular feminista da Amazônia 2025.4, que topou e abraçou esse trabalho.

Ao Grupo de Estudos e pesquisas em Educação, gênero, feminismos e interseccionalidade - GEPEGEFI, por provocar importantes debates no campo educacional democrático e libertador.

Ao nosso querido Paulo Tarso pelo acompanhamento sempre atencioso e por acreditar na nossa luta, com todo amor.

E cada pessoa que se dispõe a lutar por uma sociedade justa de gênero.

Apresentação

Iniciamos essa apresentação destacando a importância sobre o ato de escrever junto com acadêmicas e acadêmicos do curso de pedagogia da Universidade Federal do Pará. Por que fazer esse glossário? Qual sua relevância? O que nos acrescenta na formação universitária? E aqui parafraseamos Anzaldua (2000) a escrita nos salva da complacência que nos amedronta. A escrita nos mantém vivo o espírito da revolta. Porque o mundo que podemos criar na escrita compensa muito o que o mundo real não nos dá. Escrever para registrar o que os outros apagam quando as mulheres falam, para reescrever as histórias mal escritas sobre todas nós.

Por isso que o trabalho **Vozes feministas da Amazônia: glossário pedagógico** é como um exercício de escrita, reflexão e construção coletiva que nasceu a partir dos debates desenvolvidos pela disciplina Eletiva Educação popular Feminista da Amazônia, ofertada pela Faculdade de Educação, do Instituto de Ciências da Educação, da Universidade Federal do Pará e o Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação, gênero, feminismos e Interseccionalidade - GEPEGEFI.

Nossa escrita é fruto do encontro entre vozes, corpos e territórios da Amazônia, onde mulheres e alguns homens constroem, no cotidiano, práticas de resistência e produção de conhecimento a partir da educação popular feminista. Inspirada em trajetórias coletivas que articulam saberes, vivências e lutas por justiça social. Esta iniciativa se propõe a tornar visível aquilo que muitas vezes é naturalizado, banalizado ou até mesmo invisibilizado: a linguagem machista e o discurso misógino que estruturam as relações e as instituições sociais, o que chamamos de normatização do patriarcado.

Entendemos que a linguagem não é neutra, ao contrário, ela reflete valores culturais, sociais, políticos e históricos. Desta forma, as quase 60 expressões que apresentamos neste trabalho nascem do

nosso cotidiano e que revelam as ideias machistas que reforçam desigualdades de gênero, mesmo quando usadas de forma inconsciente ou recreativa.

Este glossário tem como objetivo identificar, explicar e problematizar essas expressões, promovendo uma comunicação mais consciente, respeitosa e justa em nossas compreensões e vivências. Os impactos dessas expressões vão além do campo simbólico, por serem repetidas cotidianamente, elas contribuem para a consolidação de desigualdades sociais, injustiças de gênero e limitam possibilidades de atuação e influenciam a construção da autoestima e da identidade de gênero. A linguagem, nesse sentido, atua como um mecanismo de legitimação de práticas e estruturas discriminatórias e de dominação masculina.

Diante desse cenário, torna-se fundamental problematizar o uso dessas expressões e refletir sobre seus efeitos. A transformação da linguagem não implica apenas a substituição de palavras, mas a revisão de valores e concepções que sustentam relações desiguais. Ao adotar formas de comunicação mais conscientes e inclusivas, abre-se espaço para a construção de uma sociedade mais igualitária

Buscamos construir um glossário, não apenas para listar palavras ou frases, mas problematizar os sentidos que elas carregam, os contextos em que são reproduzidas e os impactos que produzem na vida das mulheres, especialmente, no território amazônico. Cada termo reunido aqui é fruto de escuta, partilha, levantamento e análise crítica, desenvolvidas em rodas de conversa, oficinas e vivências coletivas, onde a palavra é ferramenta de conscientização e transformação social. caracterizando uma prática da educação popular feminsita, fundamentada no diálogo e na horizontalidade do processo educativo, pois reconhece todas e todos as/os participantes como sujeitas de saber. Assim, o glossário se configura como um instrumento político-pedagógico- pois denuncia desigualdades, fortalece a autonomia das mulheres e contribui para a construção de novas formas de comunicação, mais justas, inclusivas e libertadoras.

Convidamos todas, todos e todes para essa leitura e/ou consulta para as diversas expressões que estão presente em nosso dia a dia e que, muitas vezes, passam como inofensivas, mas que carregam valores culturais patriarcais violentos e de dominação. Este glossário não é um ponto final, mas um convite permanente à reflexão crítica, ao diálogo e à ação coletiva.

Adriane Lima
Belém 16 de abril de 2026.

Sumário

Mulheres — rostos apagados nas manchetes 17
Gabrielle Kelly

1 - Com mulher não é traição 19
Stefanie França Alfonso

2 - Chama uma amiga para sair com a gente 21
Stefanie França Alfonso

3 - Essa aí tá com a Pombagira no couro! 23
Gabrielly Joyce da Luz

4 - Quando ela crescer vai ser uma morena/mulata/negra linda! 25
Gabrielly Joyce da Luz

5 - Eu tive 5 filhos. Foram quatro homens, a quinta eu dei uma fraquejada e veio uma mulher 27
Luísa Lauande Farias

6 - A mulher negra é mais 'forte', aguenta mais sofrimento 29
Carolina Chaves Costa

7 - A mulher fala demais, por isso não pode governar 31
Carolina Chaves Costa

8 - A Mulher de valor / Isso é coisa de mulher 33
Dayane Freitas da Silva

9 - Ela tá de TPM / Mulher é interesseira 35
Dayane Freitas da Silva

10 - Não fica bem para uma moça / As negras têm mais corpo .. 37
Kamilly Duarte

11 - O marido é o cabeça do lar / A mulher tem que ser submissa ao marido 39
Dinelma Gonçalves

12 - Tinha que ser mulher 41
Edival Souza

13 - Mulher para casar VS. Mulher para curtir..... 43
Jhoyce Amanda

14 - Isso é falta de homem/ Está mal amada 45
Jhonata Viera

15 - Ela é muito emocional / Histérica..... 47
Edival Souza

16 - Ajudo minha esposa em casa 49
Jhoyce Amanda

17 - Comporte-se como uma mocinha..... 51
Jhonata Viera

18 - Que sorte, ele ajuda em casa! 53
Bruna Ferreira

19 - Bonita, para uma mulher inteligente..... 55
Deborah Moura

20 - Histeria / Histérica 57
Lívia Lobato

21 - Parece uma Mulherzinha..... 59
Lívia Lobato

22 - Bela, recatada e do lar 61
Jucilanne Priscilla Alves da Costa

23 - Mulher de malandro..... 63
Vanessa Cristina Souza dos Santos

24 - Agradeça que seu marido te ajuda a cuidar da casa 65
Vanessa Cristina Souza dos Santos

25 - Só podia ser mulher!..... 67
Jucilanne Priscilla Alves da Costa

26 - Homem no bar, mulher no lar..... 69
Miracy Farias da Paixão

27 - Mulher age com emoção, não com razão..... 71
Miracy Farias da Paixão

28 - Puta 73
Andriene de Moraes Pereira

29 - Não faz nada o dia inteiro e ainda atrasa o jantar..... 77
Larissa Sosinho

30 - Isso não é coisa de menina 79
Laize Domingues dos Santos

31 - Mulher que transou com poucas pessoas são as que vão casar com mais facilidade..... 81
Luana Geyse Ribeiro Monteiro

32 - Tinha que ser mulher 83
Estefani Cristina Raiol de Aviz

33 - Por trás de um grande homem há sempre uma grande mulher 85
Stela Santos

34 - Ela é muito mandona..... 87
Elane Cristina Silva

35 - Para uma mulher, até que ela entende bastante 89
Elane Cristina Silva

36 - Ela só chegou onde chegou porque é mulher / Mulher tem que se dar ao respeito..... 91
Stela Santos

37 - Ela precisa de um homem / Ela é muito independente, isso assusta..... 93
Elane Cristina Silva

38 - Roupa Curta dá nisso 95
Laura Jemima Castro da Costa

39 - Dirige igual a mulher 97
Patrícia Ribeiro

40 - Mulher dirige mal 99
Adria Bomfim

41 - Fica com esse porque homem está difícil de encontrar..... 101
Jennifer Brazão

42 - Você se arrumou assim para quem?..... 103
Jaline Rafaela Almeida Barros

43 - Você ainda é muito bonita, nem parece a idade que tem .. 105
Isabelle Araujo da Cruz

44 - A mulher que cuida de tudo (casa, família) / Bela, recatada e do lar/ Fulana lava o prato do seu irmão porque ele é homem 107
Valdirene de Jesus Carneiro de Sousa

45 - É um fdp!..... 109
Valdirene de Jesus Carneiro de Sousa

46 - Ela é mal amada e mal comida 111
Elizandra Helen da Mata Nunes Barbosa

47 - É sapatão porque não conheceu homem macho de verdade 113
Elizandra Helen da Mata Nunes Barbosa

48 - Se ele passou a mão nela a culpa é dela, quem mandou colocar essa roupa curta!..... 115
Elizandra Helen da Mata Nunes Barbosa

49 - Já sabe cozinhar, já dá para casar! 117
Ana Karoline Coelho Ferreira

50 - Ele ajuda em casa..... 121
Jéssica Miranda do Nascimento

51 - Ela gosta de apanhar, é mulher de bandido! 123
Jéssica Miranda do Nascimento

52 - Deve estar saindo com o chefe 125
Maria Eduarda Moreira

53 - Lugar de mulher é em casa cuidando dos filhos/ Mulher minha tem que ficar dentro de casa cuidando dos filhos e de mim quando chegar 127
Vivian Araujo Costa

54 - Quem pariu Mateus que embale! / Ela é a mãe, tem que se virar 131
Jullye Gabrielle Cezar da Silva

55 - Comporte-se como uma moça / Vista-se de forma mais feminina, você está parecendo um macho 133
Adriany Costa

56 - Não ria alto, você é uma moça 135
Adriany Costa

57 - Ela posta foto se aparecendo, gosta de se exibir pra homem 137
Daniela Moura

58 - Nossa, você cozinha bem, já dá pra casar / Tem que aprender a cozinhar, pra ser uma boa esposa 139
Daniela Moura

59 - Teu esposo deixa você sair com essa roupa? 141
Daniela Moura

60 - Estou de "babá" ou ele está de "babá" 143
Daniella Cristina Almeida Barreto

61 - Roupa suja se lava em casa 145
Márjory Cuervo Bernal

62 - Maria macho 147
Ruan Victor Guedes Lima

Referência 149

Mulheres — rostos apagados nas manchetes

Gabrielle Kelly[1]

Nossos nomes seguem engolidos pelas estatísticas de um país
onde quatro de nós são assassinadas por dia,
onde a cada poucas horas mais um corpo feminino cai
Não por acaso, mas por machismo disfarçado de amor.
No Pará, crescemos com vento forte no rosto
E entendemos desde cedo que existir é ato de resistência.
Meninas marcadas por estupros silenciados,
Jovens destruídas por violência psicológica,
Mães solo que carregam filhos no braço e a carteira vazia
Universitárias que transformam salas frias em lugar de esperança.
E tudo isso ecoa a velha fogueira da história.
Séculos atrás, queimaram mulheres como "bruxas"
por sermos livres, por sabermos demais, por falarmos demais,
Por sentirmos demais.
Sempre foi sobre controlar nossos corpos e nossas mentes.
Sempre foi sobre o medo do poder que temos.
Hoje, a fogueira mudou de forma,
mas continua acesa:
queima dentro de casa,
em relações sufocantes,
Em agressões que começam na palavra e terminam no caixão.
Essas mortes não são acidentes.
São métodos que fazem parte de um sistema.
E nós, as que sobrevivem, falamos por quem não pôde continuar

[1] Pedagoga, participante do Grupo de estudos e pesquisas em Educação Gênero, feminismos e interseccionalidade - GEPEGEFI.

Falamos até que o país seja obrigado a ouvir.
Porque nenhuma de nós nasceu para ser estatística
Nem ontem, nem hoje.
Nascemos para viver e ser livres.
E ser mulher livre neste país segue sendo ato revolucionário.
Por isso, mulheres de luta, está na hora de fazermos a
revolução feminista
acontecer!

1 - Com mulher não é traição

Stefanie França Alfonso[1]

Muitas mulheres bissexuais que se envolvem com homens, escutam esse comentário de seus parceiros, invalidando a bissexualidade de sua parceira, sendo assim, uma violência psicológica. Como citado por Hooks (2018) o amor jamais poderá se enraizar em uma relação fundamentada em dominação e coerção. Compreende-se que não existe afeto em uma relação baseada no controle e nas escolhas centradas no homem, principalmente quando apenas favorecem o prazer masculino, minimizando os desejos sexuais e ignorando a humanidade feminina ao tratar ela apenas como um objeto sexual.

Hooks (2018, p.42) também afirma que o debate sobre sexualidade foi um dos pontapés para dar força ao movimento feminista, juntamente com discussões sobre gravidez, métodos contraceptivos e aborto.

> Quando a chamada revolução sexual estava no auge, a questão do amor livre (que, em geral, significava fazer quanto sexo uma pessoa desejasse e com quem desejasse) colocou as mulheres frente a frente com a questão da gravidez indesejada. Antes que pudesse haver qualquer igualdade de gênero em relação à questão do amor livre, mulheres precisavam ter acesso garantido a métodos contraceptivos seguros e eficientes e ao aborto.

Este comentário que apenas aparenta ser banal carrega implicações profundas: ele reafirma que o desejo feminino só é reconhecido quando serve ou ameaça diretamente o homem, negando às mulheres autonomia plena sobre seus afetos e identidades. Combater esse tipo de discurso é parte essencial da

[1] Estudante de Pedagogia. Cursou a disciplina eletiva Educação Popular feminista na Amazônia

construção de relações baseadas em respeito, reconhecimento e ética de liberdade mútua.

2 - Chama uma amiga para sair com a gente

Stefanie França Alfonso

Outra frase extremamente ouvida por mulheres bissexuais em que a bissexualidade feminina é enxergada como fetiche sexual pelo olhar sexista desse homem. Além disso, deixa escancarado a falta de autonomia da parceira dentro da própria relação, o que gera extremo desconforto, afinal, isso é uma afirmação, uma imposição o que retira o direito de escolha da mulher, querer ou não ter esse encontro.

Hooks (2018) afirma que o respeito fundamentalmente mútuo é essencial para a prática sexual libertadora, assim como a convicção de que prazer e satisfação sexuais são mais alcançados em circunstâncias de escolha e acordo consensual.

Em última análise, essa frase não expressa abertura ou liberdade, mas a apropriação da sexualidade feminina a partir de uma lógica fetichizada e desigual. Ao transformar a bissexualidade da parceira em espetáculo ou recurso para satisfazer fantasias masculinas, o homem reafirma uma dinâmica de poder que esvazia sua autonomia e reduz sua identidade a objeto de consumo. Como Hooks (2018, p.53) afirma:

> Para acabar com o patriarcado (outra maneira de nomear o sexismo institucionalizado), precisamos deixar claro que todos nós participamos da disseminação do sexismo, até mudarmos a consciência e o coração; até desapegarmos de pensamentos e ações sexistas e substituí-los por pensamentos e ações feministas.

Quando há imposição, ainda que mascarada de "brincadeira" ou desejo compartilhado, rompe-se a base ética da relação. Assim, defender a dignidade e a liberdade sexual das mulheres bissexuais implica reconhecer que seus desejos não são convites automáticos

à performance, mas expressões legítimas de subjetividade que só podem ser vividas com consentimento pleno, respeito e igualdade.

3 - Essa aí tá com a Pombagira no couro!

Gabrielly Joyce da Luz[1]

Frase frequentemente usada para descrever mulheres que fogem às regras socialmente impostas sobre a sexualidade, geralmente são acusadas de possuir comportamentos lascivos, pecaminosos, acusadas de provocar os homens com sua sensualidade, ou são julgadas por possuir mais de um par romântico, ou de sair com pessoas comprometidas, ou seja, uma mulher vulgar e histérica que não possui nenhuma moral.

Porém, essa frase traz consigo marcas racistas e sexistas, pois Pombagira é uma entidade Feminina da religião afro-brasileira Umbanda, segundo Zaleski e Rufino (2021):

> Bombogira é o lado feminino de Aluvaiá, o dono das encruzilhadas, similar ao Exu iorubá e ao vodum Elegbara, dos fons. Em quimbundo, pambu-a-njila é a expressão que designa o cruzamento dos caminhos, as encruzilhadas. Mbombo, no quicongo, é portão. Os portões são controlados por Exu, Bombogira, Pambu-a-njila, Pombagira: as ruas, a encruzilhada, as porteiras, a diáspora, o mundo. A potência exusíaca encarnada no feminino. [...] A vivência experimentada nos terreiros nos ensina que as Marias são sobretudo, potentes agentes de cura. Representam equilíbrio, beleza, saúde física e mental. Apesar do reforço de uma imagem de desequilíbrio e insanidade é à Pombagira que se recorre quando estamos confusos, ansiosos ou com a 'cuca ruim' como elas mesmo costumam dizer. (Zaleski e Rufino. 2021. p.148-150)

Ou seja, na Umbanda Pombagira contempla uma infinidade de entidades mulheres, cada uma com sua história, marcas e caminhos, que vibram na energia da sensualidade aflorada, livre, que se recusa a se encaixar nos padrões sociais normativos, elas se

[1] Estudante de pedagogia. Bolsista PIBIC e cursou a disciplina Educação popular Feminista na Amazônia

recusam a ter seu corpo dominado pelo patriarcado, são entidades transgressoras que possibilitam respostas às violências de gênero e racismo epistêmico.

4 - Quando ela crescer vai ser uma morena/mulata/negra linda!

Gabrielly Joyce da Luz

Esta frase traz consigo marcas do machismo e racismo subjetivos que acometem mulheres negras na sociedade brasileira desde o período do regime escravocrata até a contemporaneidade, Lélia Gonzalez (2020) ao pesquisar sobre o mito da democracia racial e seus impactos na vida da mulheres negras brasileiras, afirma que a mulher negra exercia duas funções na escravidão colonial, a função de trabalhadora (doméstica, mucama, nos campos, etc) e a sexual (abusos, estupros), esses estereótipos ainda se estendem na contemporâneidade com uma nova roupagem, principalmente sobre a mulher negra, importada como símbolo sexual para outros países:

> Como todo mito, o da democracia racial oculta algo para além daquilo que mostra. Numa primeira aproximação, constatamos que exerce sua violência simbólica de maneira especial sobre a mulher negra, pois o outro lado do endeusamento carnavalesco ocorre no cotidiano dessa mulher, no momento em que ela se transfigura na empregada doméstica. É por aí que a culpabilidade engendrada pelo seu endeusamento se exerce com fortes cargas de agressividade. É por aí, também, que se constata que os termos 'mulata' e 'doméstica' são atribuição do mesmo sujeito. A nomeação vai depender da situação em que somos vistas. (Gonzales, 2020. p.80)

Quando a mulher negra não é hipersexualizada acaba sendo colocada no lugar de subalternidade e tratada como objeto. Por este motivo a frase não tem o intuito de "elogiar/exaltar" a beleza das meninas negras, mas objetiva a manutenção do racismo velado que violenta de forma subjetiva, com o intuito de manter estereótipos da hipersexualização da mulher negra, a fim de tornar seu corpo um objeto de desejo, reduzindo sua existência enquanto sujeito.

5 - Eu tive 5 filhos. Foram quatro homens, a quinta eu dei uma fraquejada e veio uma mulher

Luísa Lauande Farias[1]

Frase dita pelo ex-presidente Jair Bolsonaro em uma palestra no Clube Hebraica, no Rio de Janeiro, em abril de 2017. A declaração feita em tom de "piada", revela uma estrutura simbólica profundamente machista ao associar o nascimento de uma filha mulher a uma falha, erro ou "fraqueza". Ainda que muitas vezes naturalizada como humor, essa frase reforça a desvalorização do feminino ao colocar o masculino como norma desejável e superior. Dessa forma, ao tratar o nascimento de uma mulher como algo negativo reproduz a lógica patriarcal de hierarquização de gêneros e legitima desigualdades históricas.

Essa fala pode ser compreendida a partir das reflexões de Djamila Ribeiro, que analisa como o patriarcado estrutura as relações sociais e define quais sujeitos são valorizados ou deslegitimados. Segundo a autora, vivemos em uma sociedade na qual determinadas existências são historicamente inferiorizadas, sendo necessário questionar esses discursos naturalizados (RIBEIRO, 2019). Além disso, Ribeiro destaca que discursos cotidianos desempenham um papel fundamental na manutenção dessas desigualdades, pois atuam na naturalização das opressões. Ou seja, falas como essa não apenas refletem uma estrutura desigual, mas também ajudam a reproduzi-la, tornando-a aparentemente normal e aceitável.

Outro ponto central no pensamento da autora é a necessidade de questionar essas narrativas, rompendo com a neutralidade aparente do discurso. Para Ribeiro, problematizar falas machistas

[1] Estudante de pedagogia. Curso a disciplina Educação Popular feminista na Amazônia

é fundamental para desestabilizar as hierarquias sociais e abrir espaço para a construção de uma sociedade mais justa, na qual diferentes sujeitos possam ser reconhecidos em sua plena dignidade.

Assim, a declaração não pode ser compreendida apenas como uma piada ou opinião individual, mas como uma manifestação de relações de poder que atravessam a sociedade e produzem a inferiorização do feminino. Ao evidenciar essa estrutura, torna-se possível compreender que combater esse tipo de discurso é também enfrentar as bases que sustentam as desigualdades de gênero.

6 - A mulher negra é mais 'forte', aguenta mais sofrimento

Carolina Chaves Costa[1]

A primeira vista essa afirmação pode até ser entendida como elogio, porém trata-se de uma construção profundamente racista e sexista, que legitima a dor e a sobrecarga histórica imposta às mulheres negras. Ao associar força à capacidade de suportar sofrimento, a sociedade desloca o foco da violência estrutural para uma suposta característica individual, ocultando as bases históricas de exploração.

Gonzales (2020) ressalta que a condição da mulher negra na américa latina é marcada por dupla discriminação, de raça e de gênero, essa dupla opressão não produz "força natural", mas surge de um processo histórico de colonização, escravização e marginalização social. A imagem da mulher negra como resistente e incansável deriva da herança escravocrata, em que seus corpos foram explorados tanto com força de trabalho quanto como objetos de violências.

Nesse sentido, podemos exemplificar a violência obstétrica como demonstra a matéria do G1 que diz:

> Mães negras e com baixa escolaridade são as maiores vítimas em casos de violência obstétrica, diz pesquisa da Fiocruz. Estudo com informações de mais de 24 mil mulheres entre 2020 a 2023, em 465 maternidades no país, mostra perfil das vítimas. Especialista afirma que violência acontece na rede pública e privada. (G1, 2024, s/p).

Ao naturalizar essa "resistência", a sociedade retira dessas mulheres o direito ao cuidado, à fragilidade e à proteção social. Sendo assim, o mito da "mulher negra forte", funciona como

[1] Estudante de Pedagogia. Bolsista PIBIC, Cursou a disciplina Educação popular feminista da Amazônia

dispositivo ideológico que legitima a negligência do estado e a invisibilização do sofrimento psíquico e físico dessas mulheres.

7 - A mulher fala demais, por isso não pode governar

Carolina Chaves Costa

Essa frase revela uma estrutura histórica de controle da voz feminina. Ao associar a fala feminina ao excesso, ao descontrole ou a irracionalidade, o discurso sexista constrói uma justificativa simbólica para afastar as mulheres dos espaços de poder.

Historicamente, o patriarcado vê a política como um espaço masculino, querendo reservar à mulher a outros espaços, a desclassificação da fala feminina funciona como estratégia de exclusão, ou seja, se a mulher "fala demais", ela seria incapaz de exercer autoridade ou racionalidade política. Hooks (2018) evidência que se o poder está associado ao domínio e ao controle a fala feminina é frequentemente percebida como ameaça a essa ordem. As mulheres foram ensinadas a silenciar suas opiniões, especialmente no espaço público.

Cabe enfatizar que a opressão de gênero se articula com a opressão racial na construção das hierarquias sociais, o silenciamento não atinge todas as mulheres da mesma forma, mulheres negras sofrem ainda mais intensamente a deslegitimação de suas vozes.

Na sociedade Brasileira a violência política de gênero acontece com frequência, nos espaços de debates, votações e tomadas de decisões. A promulgação da Lei nº 14.192/21, representa um marco no enfrentamento à violência política de gênero, pois reconhece juridicamente práticas históricas que, durante muito tempo, foram naturalizadas no espaço público. A referida Lei estabelece normas para prevenir, reprimir e combater a violência política contra a mulher:

> Art. 1º Esta Lei estabelece normas para prevenir, reprimir e combater a violência política contra a mulher, nos espaços e atividades relacionados ao

> exercício de seus direitos políticos e de suas funções públicas, e para assegurar a participação de mulheres em debates eleitorais e dispõe sobre os crimes de divulgação de fato ou vídeo com conteúdo inverídico no período de campanha eleitoral.
> Art. 2º Serão garantidos os direitos de participação política da mulher, vedadas a discriminação e a desigualdade de tratamento em virtude de sexo ou de raça no acesso às instâncias de representação política e no exercício de funções públicas.
> Parágrafo único. As autoridades competentes priorizarão o imediato exercício do direito violado, conferindo especial importância às declarações da vítima e aos elementos indiciários. (Brasil. 2021)

Desqualificar a expressão feminina significa impedir sua participação ativa na definição dos rumos sociais. O silenciamento, interrupções constantes, ridicularização de fala, comentários sobre aparência, insinuação sobre a incapacidade emocional ou intelectual e a deslegitimação da autoridade feminina são estratégias que visam afastar mulheres dos espaços de poder. Trata-se de uma violência que atua no campo simbólico, mas produz efeitos concretos, reduz candidaturas, enfraquece mandatos e desestimula a participação política.

Nesse sentido, o problema não é o "excesso" de fala feminina, mas a quebra da hierarquia patriarcal. Quando mulheres falam, denunciam desigualdades, reivindicam direitos e questionam privilégios. Mulher governar implica voz pública e autoridade, exatamente o que o patriarcado tenta restringir.

8 - A Mulher de valor / Isso é coisa de mulher

Dayane Freitas da Silva[1]

A expressão "mulher de valor" é muito utilizada hoje nas redes sociais, em discursos religiosos e até em conteúdos de influenciadores digitais. Ela aparece para definir um modelo ideal de comportamento feminino: uma mulher recatada, que não "se expõe", que prioriza casamento, maternidade e submissão. Essa frase costuma ser usada tanto por homens quanto por mulheres para estabelecer um padrão do que seria uma "mulher correta".

Essa expressão cria uma hierarquia entre mulheres. Se existe a "mulher de valor" existem as que "não têm valor". O valor feminino passa a ser condicionado ao comportamento, à sexualidade, à aparência e à obediência, reduzindo a mulher a critérios construídos pelo patriarcado.

No caso das mulheres negras, que historicamente foram desumanizadas, o impacto é ainda mais profundo. Seus corpos o longo dos anos, principalmente durante a escravidão, foram hipersexualizados e vistos como disponíveis. Assim, quando surge a expressão "mulher de valor", muitas vezes ela exclui mulheres negras, pois os padrões de "valor" costumam estar associados à branquitude, à classe média e a um ideal eurocêntrico de feminilidade.

A segunda frase "isso é coisa de mulher" é usada para reforçar a divisão sexual do trabalho, das emoções e comportamentos, sempre favorecendo e afirmando a superioridade masculina. É uma expressão utilizada tanto por homens como por mulheres, como bell hooks (2018) explica, todos somos socializados dentro de uma cultura patriarcal. Quando alguém diz que algo "é coisa de mulher", está reforçando a ideia de que o espaço doméstico, o

[1] Estudante da disciplina Educação popular Feminista da Amazônia

cuidado e a emoção pertencem ao feminino, enquanto a liderança e a força pertencem ao masculino, transformando construções sociais em algo dito como “natureza”.

No caso das mulheres negras, elas são vistas como “mulheres fortes”, no sentido de serem resistentes e aguentam tudo, sempre disponíveis para “cuidarem “e “servirem”.

9 - Ela tá de TPM / Mulher é interesseira

Dayane Freitas da Silva

Apresentamos duas frases que tentam desqualificar as mulheres de formas diferentes. A primeira, ela tá de TPM, é utilizada quando uma mulher decide se posicionar de forma firme. É dita por homens e mulheres como forma de desqualificar e anular a fala e o sentimento feminino, reduzindo sua fala a uma questão hormonal e não racional, para levara em consideração o que está sendo falado pela mulher. Essa expressão liga as mulheres à irracionalidade e à instabilidade, reforçando a ideia de que homens são mais equilibrados.

No caso das mulheres negras, esse discurso se soma ao estereótipo racista da mulher "nervosa", "agressiva" ou "barraqueira". Assim, quando uma mulher negra se posiciona, sua fala pode ser interpretada como descontrole ou "mimimi'', como estivesse exagerando. Esse contexto demonstra racismo e sexismo, limitando tanto a liberdade de expressão quanto o reconhecimento de sua opinião.

Já na segunda, a Mulher é interesseira, é usada nas discussões sobre relacionamentos, principalmente quando uma mulher escolhe um parceiro com estabilidade financeira ou termina um relacionamento por questões econômicas. Geralmente é utilizada por homens frustrados ou por pessoas que desejam generalizar comportamentos individuais como se fossem características naturais do gênero feminino. Ela é usada para reforçar a ideia de que toda mulher vai escolher o homem por causa do dinheiro, afirmando que a mulher por si só não tem capacidade de se "bancar'

Para as mulheres negras, essa frase carrega racismo e preconceito socioeconômico. Mulheres negras recebem salários menores e enfrentam mais dificuldades para conseguir oportunidades de trabalho e crescimento profissional. Isso não acontece por falta de capacidade, mas por causa de uma história de

exclusão e desigualdade racial que vem desde a escravidão. A frase "mulher interesseira" sugere que suas relações são movidas por dinheiro ou troca sexual. Anzaldúa (2000) escreve sobre a invisibilidade das mulheres de cor tendo suas vozes ignoradas e suas experiências distorcidas.

10 - Não fica bem para uma moça / As negras têm mais corpo

Kamilly Duarte[1]

Apresentamos essas duas expressões para destacar duas questões importantes, uma que revela o quanto os corpos das mulheres são vigiados e a outra o quanto o corpo da mulher é objetificado e hiperssexualizado. A primeira frase é bastante usada para controlar comportamentos, roupas ou atitudes (como ser assertivo, falar alto, ter certos hobbies), policiando a feminilidade dentro de padrões restritos. Essa expressão é um mecanismo de policiamento social que visa confinar as mulheres ao espaço privado e a padrões restritos de comportamento, silenciando suas vozes e subjetividades para mantê-las sob dominação, ecoando a histórica exclusão feminina dos espaços de decisão e poder mencionada no caderno Educação popular Feminista (Lima, 2021)

Já na segunda frase, as negras têm mais corpo, reduz a mulher à sua forma física, valorizando-a apenas quando adequada a um ideal estético sexualizado e de consumo, um processo que, conforme discutido no decorrer das aulas, está intrinsecamente ligado à colonialidade e à coisificação histórica dos corpos de mulheres negras, tratados como objetos ou mercadorias.

Essa fala ao analisadas à luz do Caderno de Educação Popular Feminista, são expressões do patriarcado e do racismo estrutural que operam no controle e na objetificação dos corpos femininos, especialmente os corpos racializados. Ambas as expressões, portanto, são instrumentos de uma violência simbólica que busca silenciar e fragmentar as mulheres, negando-lhes a condição de sujeitos integrais, em clara oposição à proposta de uma Educação Popular Feminista que luta pela autonomia, pelo reconhecimento

[1] Estudante da disciplina de Educação Popular Feminista na Amazônia

do corpo como território político e pela desnaturalização dessas lógicas de dominação.

11 - O marido é o cabeça do lar / A mulher tem que ser submissa ao marido

Dinelma Gonçalves[1]

Aqui apresentamos duas expressões que se complementam. Sendo a primeira é comumente usada para afirmar o poder masculino e a sua superioridade sobre a mulher. Expressão que legitima o patriarcado e o homem como o único capaz de resolver questões, decisões e liderança.

Em nosso cotidiano costumamos ver que quando alguém chega em casa para resolver alguma questão, o marido é sempre procurado e quando a mulher pergunta se a pessoa não quer deixar recado, ela naturalmente ouve "é só com ele". Essa ideia reforça que o homem é o dono da casa e o único capaz de exercer liderança. Segundo Bell Hooks (2018, p. 13), em seu livro, o feminismo é para todo mundo, afirma que, *"Homens, como um grupo, são quem mais se beneficiaram e se beneficiam do patriarcado, do pressuposto de que são superiores às mulheres e deveriam nos controlar*".

A autora evidencia que o feminismo é um movimento para acabar com o sexismo, ou seja, desmistificar a ideia de que o homem é superior à mulher em suas várias que essa fala machista alimenta o patriarcado, ao mesmo tempo, em que leva o homem a acreditar que precisa exercer sua masculinidade sem demonstrar fragilidade, fortalecendo um tipo de homem violento e tóxico.

A segunda frase, muito utilizada em cultos religiosos, apresenta uma má interpretação da Bíblia, registrada em efésios 5: 22-24 *"Vós mulheres, sujeitai a vossos maridos, como ao senhor"*. Muitas pessoas afirmam a ideia de que a mulher tem que ser submissa ao marido, aceitando tudo que é imposto por ele e fazendo aquilo que ele ordena. No entanto, percebe-se que nos versículos adiante

[1] Estudante da disciplina de Educação popular Feminista da Amazônia

explicasse uma submissão mútua, onde o homem é designado a amar sua mulher incondicionalmente e dar a vida por ela como Cristo deu a vida pela humanidade.

Apesar da Bíblia deixar claro isso, percebemos que muitas pessoas veem uma única forma de colocar em prática, fazendo com que a mulher esteja presa/submissa ao marido, sem poder exercer sua liberdade. Nos escritos de Bell Hooks (2018) sobre Paulo Freire, a autora acredita que a educação é um caminho para a libertação de ideologias que apesar de serem bíblicas, por vezes tornam-se expressões que levam mulheres a suportar todo tipo de opressão, acreditando que não pode ir contra o marido.

Vivemos em uma sociedade, onde homens e mulheres são ensinados a "serem quem são" e saber "seus deveres como tal", meninas aprendem a ser boas donas de casa e a cuidar do lar e meninos são ensinados a serem fortes e assumir posições, para Bell Hooks (2018) a educação libertadora questiona/problematiza esse dualismo e a divisão do trabalho por gênero, sendo a educação uma ferramenta potente para permitir que mulheres acessam espaços, sejam respeitadas e tenham voz.

12 - Tinha que ser mulher

Edival Souza[1]

A expressão "tinha que ser mulher" é uma das formas mais comuns de naturalização do machismo no cotidiano. Geralmente utilizada diante de erros no trânsito ou falhas técnicas, ela associa incompetência ao gênero feminino, como se houvesse uma incapacidade inerente às mulheres.

Esse tipo de generalização reforça estereótipos históricos que vinculam racionalidade e competência ao masculino, enquanto atribuem ao feminino fragilidade e despreparo. De forma indireta, Bell Hooks explica que o sexismo é aprendido socialmente e se mantém através de práticas e discursos aparentemente simples. Em sua obra, a autora afirma:

> Feminismo é um movimento para acabar com o sexismo, a exploração sexista e a opressão. Essa definição é clara porque implica que todos os homens não são inimigos, mas que o sexismo é o problema. O feminismo é para todo mundo, porque o sexismo prejudica mulheres, homens e crianças. (Hooks, 2018, p.33)

Assim, expressões como essa não são apenas piadas, mas mecanismos de manutenção de desigualdade. No caso das mulheres negras, essa desqualificação se soma ao racismo estrutural, que historicamente produziu a imagem de inferiorização intelectual.

[1] Estudante da disciplina de educação popular feminista da Amazônia

13 - Mulher para casar VS. Mulher para curtir

Jhoyce Amanda[1]

Essa expressão divide mulheres em categorias morais baseadas no comportamento sexual. A "mulher para casar" representa a submissão, o recato e a adequação às normas patriarcais. Já a "mulher para curtir" é vista como objeto de prazer e descartável. Essa classificação reduz mulheres a funções determinadas pelo olhar masculino e condiciona seu valor à validação social. O Caderno de Educação Popular Feminista problematiza como o patriarcado regula os corpos femininos e naturaliza desigualdades. O material afirma:

> É necessário questionar as relações de poder que naturalizam as desigualdades entre homens e mulheres. A educação popular feminista busca desvelar essas opressões e construir práticas comprometidas com a justiça social, enfrentando o patriarcado, o racismo e todas as formas de discriminação (CEAAL, 2021, p. 72)

Quando se trata da mulher negra especialmente da mulher negra bissexual, essa divisão assume contornos ainda mais violentos, pois seus corpos são frequentemente hipersexualizados e fetichizadas. A sexualidade deixa de ser identidade e passa a ser consumo.

[1] Estudante da disciplina educação popular feminista da Amazônia

14 - Isso é falta de homem/ Está mal amada

Jhonata Viera[1]

Essa fala reduz qualquer posicionamento feminino à ausência de um homem, como se a mulher só fosse emocionalmente estável quando vinculada a um relacionamento heterossexual. Trata-se de uma estratégia de deslegitimação que invalida sentimentos e opiniões. De maneira indireta, hooks aponta que o patriarcado ensina mulheres a acreditarem que sua realização depende da aprovação masculina. Em outra reflexão, a autora afirma: "O patriarcado não tem gênero. Mulheres podem ser tão comprometidas com o pensamento sexista quanto os homens." (Hook, 2018, p. 52).

Essa lógica também aparece em discursos religiosos que historicamente colocam o homem como líder e a mulher como subordinada, reforçando papéis rígidos e dependência afetiva como destino feminino.

[1] Estudante da disciplina de Educação popular feminsita da Amazônia

15 - Ela é muito emocional / Histérica

Edival Souza

O uso da palavra "histérica" para desqualificar mulheres tem origem histórica na medicina do século XIX, quando comportamentos femininos que fugiam à docilidade eram tratados como doença. A emoção feminina passou a ser vista como descontrole, enquanto a racionalidade foi atribuída ao masculino. Essa construção ainda hoje aparece quando mulheres em cargos de liderança são descritas como "instáveis" ou "sensíveis demais", enquanto homens na mesma postura são considerados firmes ou decididos.

O caderno de educação popular feminista (2021), aponta que a naturalização dessas desigualdades ocorre por meio de práticas sociais que parecem normais, mas sustentam hierarquias. Ao desnaturalizar essas falas, evidencia-se que elas funcionam como estratégia de silenciamento.

Além disso, Djamila Ribeiro (2017) discute que mulheres, especialmente mulheres negras, enfrentam um processo constante de deslegitimação de sua fala. A autora argumenta que o lugar de fala é atravessado por relações de poder, e que determinadas vozes são historicamente autorizadas enquanto outras são desacreditadas. Quando uma mulher negra é chamada de "raivosa" ou "exagerada", há uma dupla marcação: de gênero e de raça. Assim, a acusação de histeria não é apenas pessoal, mas estrutural.

16 - Ajudo minha esposa em casa

Jhoyce Amanda

A frase “ajudo minha esposa em casa” revela uma compreensão desigual da divisão de responsabilidades domésticas. O verbo “ajudar” pressupõe que a obrigação principal é da mulher, e que o homem realiza um favor ao participar. Essa lógica está profundamente ligada à construção social que associa cuidado, maternidade e organização do lar ao feminino.

De forma indireta, Bell Hooks, analisa que o patriarcado organiza as relações familiares a partir de papéis fixos, ensinando que mulheres devem cuidar e homens devem prover. Essa divisão não é natural, mas socialmente construída. No Brasil, diversas reportagens recentes mostram que, mesmo quando mulheres trabalham fora em tempo integral, continuam sendo as principais responsáveis pelas tarefas domésticas e pelo cuidado dos filhos, configurando a chamada “dupla jornada”.

No caso das mulheres negras, a situação é ainda mais complexa, pois historicamente foram associadas ao trabalho doméstico remunerado e não remunerado. Assim, a ideia de “ajuda” não apenas reforça o machismo, mas também reproduz desigualdades de classe e raça.

17 - Comporte-se como uma mocinha

Jhonata Viera

A expressão "comporte-se como uma mocinha" demonstra que o controle de gênero começa na infância. Meninas são ensinadas a sentar de determinada forma, falar baixo, evitar conflitos e priorizar a aparência. Desde cedo, aprendem que devem ser delicadas, educadas e obedientes. Já os meninos são incentivados à autonomia, à liderança e até à agressividade como demonstração de força.

O caderno de educação popular feminista destaca que a educação pode tanto reproduzir quanto transformar desigualdades. Quando a escola e a família reforçam padrões rígidos de feminilidade, contribuem para limitar o potencial das meninas. Essa socialização impacta escolhas profissionais, autoestima e participação política. Para meninas negras, essa imposição é contraditória. Ao mesmo tempo em que se exige comportamento "adequado", seus corpos são historicamente marcados por estereótipos de força, hipersexualização e resistência. Assim, elas vivem uma tensão constante entre o controle e a desumanização. Romper com essa lógica exige uma educação comprometida com a equidade de gênero e raça.

18 - Que sorte, ele ajuda em casa!

Bruna Ferreira[1]

Expressão aparentemente neutra que revela uma estrutura histórica de divisão sexual do trabalho. Quando afirma que um homem "ajuda" em casa, pressupõe-se que a responsabilidade pelas tarefas domésticas e pelo cuidado com filhos, idosos ou familiares é originalmente da mulher. O termo "ajuda" indica colaboração eventual, e não corresponsabilidade.

Historicamente, essa lógica está ligada à consolidação da família patriarcal moderna, especialmente após a Revolução Industrial, quando o espaço público (trabalho produtivo remunerado) foi associado aos homens e o espaço privado (trabalho doméstico e reprodutivo) às mulheres. No Brasil, essa divisão foi ainda mais marcada pela herança escravocrata: mulheres negras foram historicamente colocadas tanto no trabalho produtivo forçado quanto no trabalho doméstico, inclusive como cuidadoras dos filhos das elites brancas.

Do ponto de vista educacional, essa expressão reproduz, desde a infância, papéis de gênero. Meninas são socializadas para o cuidado; meninos, para a autonomia e liderança. A escola, quando não problematiza essas construções, acaba reforçando-as, seja na distribuição de tarefas escolares, seja nos exemplos utilizados em livros didáticos.

Para a mulher negra, a questão assume outra camada: enquanto mulheres brancas foram historicamente vinculadas ao ideal da "dona de casa", mulheres negras foram vistas como força de trabalho permanente. Assim, a ideia de que o homem "ajuda" invisibiliza tanto a sobrecarga feminina quanto a desigualdade racial na divisão do trabalho doméstico.

---

[1] Formada em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará

Bell hooks (2018) afirma: “O feminismo é um movimento para acabar com o sexismo, a exploração sexista e a opressão.” Essa definição central da autora desloca o debate da rivalidade entre homens e mulheres para a crítica estrutural do sexismo. Quando se diz que um homem “ajuda” em casa, mantém-se a lógica da exploração sexista do trabalho doméstico, historicamente invisibilizada e atribuída às mulheres.

Ainda para a autora, o feminismo propõe transformar a estrutura da família patriarcal, defendendo relações baseadas em justiça e partilha real de responsabilidades, não em concessões ocasionais.

O termo adequado, do ponto de vista ético e pedagógico, é corresponsabilidade doméstica, que reconhece que todos os sujeitos do espaço familiar compartilham igualmente as obrigações.

19 - Bonita, para uma mulher inteligente

Deborah Moura[1]

Expressão que opera como elogio ambíguo e carrega um estereótipo implícito: o de que beleza e inteligência feminina seriam qualidades raramente coexistentes. Ao estabelecer essa oposição, reforça-se a ideia de que mulheres são socialmente valorizadas prioritariamente pela aparência, enquanto a inteligência surge como elemento inesperado.

Esse tipo de discurso está relacionado à construção histórica do feminino como objeto de contemplação estética. Durante séculos, mulheres foram excluídas dos espaços formais de produção do conhecimento, universidades, academias científicas, política, o que consolidou a percepção de que o intelecto seria predominantemente masculino.

No campo educacional, essa lógica impacta expectativas docentes. Pesquisas indicam que meninas são frequentemente elogiadas por comportamento e aparência, enquanto meninos são mais associadas à capacidade cognitiva e liderança. Essa diferenciação influencia autoestima, desempenho acadêmico e escolhas profissionais.

Quando analisamos a mulher negra, a problematização se intensifica. Diferentemente do estereótipo da mulher branca frágil e bela, mulheres negras foram historicamente hipersexualizadas ou desumanizadas, sendo raramente reconhecidas como sujeitos intelectuais. Portanto, a surpresa diante da inteligência feminina também carrega marcadores raciais.

Bell hooks (2018) discute como o patriarcado constrói as mulheres prioritariamente como objetos: “O patriarcado ensina que as mulheres existem para satisfazer as necessidades dos

[1] Formada em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará.

homens." Essa lógica explica por que a aparência feminina é historicamente supervalorizada, enquanto a inteligência é vista como secundária ou surpreendente. O elogio ambíguo reforça a ideia de que o valor principal da mulher está na estética.

Hooks, também, alerta para a internalização dessas expectativas, mostrando que muitas mulheres são socializadas a competir pela validação estética em vez de serem estimuladas ao desenvolvimento intelectual pleno. A frase revela o que se chama de machismo sutil ou naturalizado, uma forma de preconceito que não se apresenta como agressão explícita, mas mantém hierarquias simbólicas. Na educação crítica, torna-se fundamental desconstruir essas oposições e afirmar que múltiplas dimensões da identidade feminina podem coexistir sem hierarquização.

20 - Histeria / Histérica

Lívia Lobato[1]

Termo de origem grega (hystera, útero), associado à medicina antiga, que atribuía ao útero feminino a causa de distúrbios emocionais. Durante séculos, a "histeria" foi utilizada para patologizar comportamentos femininos que fugiam da norma social, como insatisfação, revolta ou expressão intensa de emoções.

No século XIX, a medicina psiquiátrica europeia consolidou o diagnóstico de histeria como doença tipicamente feminina. Mulheres que contestavam padrões morais, denunciavam violência ou demonstravam sofrimento eram frequentemente medicalizadas e desacreditadas.

No contexto contemporâneo, chamar uma mulher de "histérica" funciona como estratégia de deslegitimação. Ao invés de discutir o conteúdo de sua fala, questiona-se sua estabilidade emocional. Isso é particularmente relevante em ambientes educacionais e acadêmicos, onde mulheres que reivindicam direitos ou questionam desigualdades podem ser rotuladas como exageradas.

Para mulheres negras, o estigma assume outra dimensão. Historicamente, enquanto mulheres brancas foram associadas à fragilidade emocional, mulheres negras foram construídas como "fortes demais" ou "agressivas". Assim, o rótulo de histeria se cruza com o estereótipo da mulher negra "raivosa", reforçando mecanismos de silenciamento racializados.

Ao discutir como o sexismo desacredita mulheres, hooks(2018, p.67) "O sexismo faz com que a voz das mulheres seja desacreditada." Rotular uma mulher como "histérica" é um mecanismo clássico de deslegitimação. Em vez de enfrentar o

[1] Formada em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará

conteúdo de sua denúncia ou reivindicação, ataca-se sua estabilidade emocional. Ainda para a autora, o feminismo busca justamente restaurar a legitimidade da fala feminina, reconhecendo que indignação diante da injustiça não é irracionalidade, mas consciência crítica.

Na educação, a utilização desse termo revela a permanência de estruturas simbólicas que associam racionalidade ao masculino e emocionalidade ao feminino. A problematização crítica exige reconhecer que emoções também são formas legítimas de expressão política e pedagógica.

21 - Parece uma Mulherzinha

Lívia Lobato

Expressão utilizada de forma pejorativa para insultar meninos ou homens, associando características consideradas femininas, como sensibilidade, choro ou medo, a inferioridade. O termo reforça a ideia de que ser mulher ou expressar traços culturalmente associados ao feminino é algo negativo.

Essa construção deriva de uma organização social patriarcal em que a masculinidade é vinculada à força, racionalidade e autoridade, enquanto feminilidade é associada à fragilidade e submissão. Ao usar "mulherzinha" como ofensa, não apenas se ataca o homem, mas se reafirma a desvalorização do feminino.

Na escola, esse tipo de linguagem é frequentemente naturalizado entre crianças e adolescentes. Comentários desse tipo contribuem para consolidar padrões rígidos de gênero, dificultando o desenvolvimento emocional saudável dos meninos e reforçando a inferiorização das meninas.

Para meninas negras, o impacto pode ser ainda mais complexo. A feminilidade negra historicamente foi negada ou distorcida, ora tratada como inexistente, ora hipersexualizada. Assim, a desvalorização do feminino atinge também a construção da identidade racial.

Bell hooks (2018) discute como o patriarcado prejudica também os homens ao impor modelos rígidos de masculinidade: "O patriarcado exige dos homens que eles se tornem dominadores e que reprimam suas emoções." Quando "mulherzinha" é usada como ofensa, reforça-se a ideia de que tudo associado ao feminino é inferior. Ao mesmo tempo, impõe-se aos meninos a repressão emocional.

Hooks argumenta que o feminismo liberta não apenas mulheres, mas também homens, ao permitir que ambos rompam com essas hierarquias e padrões violentos de gênero.

No campo educacional crítico, a expressão é analisada como mecanismo de reprodução simbólica da desigualdade de gênero. Combatê-la não significa apenas corrigir vocabulário, mas questionar a hierarquia implícita que coloca o masculino como padrão superior.

22 - Bela, recatada e do lar

Jucilanne Priscilla Alves da Costa[1]

Frase usada para elogiar mulheres que seguem padrões tradicionais de comportamento, reforçando a ideia de que a mulher ideal é aquela que é submissa e dedicada apenas ao lar. Historicamente é construído o conceito de que a mulher deve seguir padrões de comportamentos para se enquadrar na sociedade, baseados na aparência, feminilidade e dedicação ao trabalho doméstico.

Em 2016 a frase foi usada pela revista Veja em uma matéria sobre Marcela Temer, na tentativa de reforçar a ideia do comportamento submisso que as mulheres devem se enquadrar. Essa construção também é atravessada pela raça e classe, pois o padrão ideal de "mulher do lar" é apenas para mulheres brancas de classe média/alta, enquanto mulheres negras e pobres historicamente são vistas como mercadoria, esse papel de servidão é diferente, pois, foi tirado o direito das mulheres negras de família, maternagem e auto cuidado (Giacomini, 1988).

[1] Estudante da Disciplina Educação popular feminista na Amazônia.

23 - Mulher de malandro

Vanessa Cristina Souza dos Santos[1]

Esta expressão é utilizada para julgar mulheres que permanecem em relacionamentos abusivos, culpando a vítima em vez de responsabilizar o agressor. Essa frase revela uma construção social antiga que naturaliza a violência contra a mulher, além de normalizar relações violentas que mulheres são silenciadas com o argumento que "gostam de apanhar", reforçando estereótipos machistas.

Segundo IBGE (2024), o Brasil registrou um recorde de feminicídio, com 1.492 mulheres sendo vítimas, o que representa 4 mortes por dia no país e 63,3% eram mulheres negras. Esse dado evidencia como a violência de gênero atinge de forma desproporcional as mulheres negras, o que historicamente mulheres negras são desumanizadas e silenciadas, segundo Davis (1981) que argumenta que as experiências das mulheres devem ser não deve ser vista isoladamente e sim com um olhar de interseccionalidade, pois raça, gênero, classe são vivenciados simultaneamente pelas mulheres negras.

[1] Estudante da Disciplina Educação popular feminista na Amazônia

24 - Agradeça que seu marido te ajuda a cuidar da casa

Vanessa Cristina Souza dos Santos

Revela como a divisão sexual do trabalho ainda é naturalizada na sociedade brasileira. Historicamente, desde o período colonial e ao longo da formação de uma sociedade patriarcal, construiu-se a ideia de que o espaço doméstico pertence à mulher, enquanto ao homem caberia o papel de provedor. Essa lógica não é biológica, mas socialmente construída e reproduzida desde a infância, quando meninas são incentivadas a ajudar nas tarefas da casa, enquanto meninos são menos cobrados nesse aspecto. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (PNDA Contínua 2022) mostram que a população com 14 anos ou mais dedicava, em média, 17 horas semanais aos afazeres domésticos e/ou cuidado de pessoas, sendo 21,3 horas semanais para as mulheres e 11,7 horas para os homens. Entre mulheres negras, essa sobrecarga tende a ser ainda maior, pois além do trabalho doméstico em suas próprias casas, muitas historicamente estiveram inseridas no trabalho doméstico remunerado, herança direta das desigualdades do período escravocrata e do pós-abolição.

Nesse sentido, Heleieth Saffioti (1976) afirma que a desigualdade entre homens e mulheres é socialmente construída, e não natural. Ou seja, não se trata de uma característica "nata" feminina, mas de um processo histórico de socialização que ensina às mulheres desde pequenas que cuidar da casa é sua responsabilidade. Assim, ao dizer que o homem "ajuda", a frase reforça uma estrutura histórica que mantém a sobrecarga feminina e perpetua desigualdades de gênero e raça.

25 - Só podia ser mulher!

Jucilanne Priscilla Alves da Costa

A expressão é utilizada para reforçar a ideia de que mulheres dirigem pior que homens, reproduzindo uma construção histórica ligada à sociedade patriarcal, que associa a direção e o espaço público à autoridade e ao controle masculino. À medida que as mulheres conquistaram maior autonomia e passaram a ocupar esses espaços, surgiram discursos que buscavam deslegitimar sua presença, transformando erros individuais em suposta incapacidade coletiva.

No entanto, os dados não sustentam esse estereótipo. Informações da Secretaria Nacional de Trânsito (SENATRAN) indicam que os homens são maioria significativa entre os condutores envolvidos em acidentes graves e fatais no Brasil. Dados sistematizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística também mostram que as taxas de mortalidade no trânsito são mais elevadas entre homens, evidenciando que a associação entre mulher e "má direção" não possui base estatística.

Quando observamos a realidade das mulheres negras, o problema se torna ainda mais complexo, pois ao sexismo soma-se o racismo estrutural. Historicamente, mulheres negras tiveram acesso mais restrito a bens, renda e mobilidade, além de enfrentarem o questionamento constante de sua competência em diferentes espaços sociais. Como analisa Lélia Gonzalez, gênero e raça operam de forma articulada na sociedade brasileira, produzindo desigualdades específicas e experiências marcadas pela dupla discriminação. Assim, a frase não é apenas um comentário isolado, mas parte de uma estrutura histórica que inferioriza mulheres especialmente mulheres negras e perpetua estigmas sociais.

26 - Homem no bar, mulher no lar

Miracy Farias da Paixão[1]

A expressão "Homem no bar, mulher no lar" é utilizada para reforçar a ideia de que os homens pertencem ao espaço público, trabalho, lazer e sociabilidade enquanto as mulheres devem permanecer no espaço doméstico, cuidando da casa e da família. Essa frase costuma aparecer em contextos cotidianos, muitas vezes em tom de brincadeira, mas carrega uma construção histórica profunda baseada na divisão sexual do trabalho. Desde a consolidação da sociedade patriarcal, estruturou-se a separação entre esfera pública e esfera privada como forma de manter os homens em posições de poder econômico e político, enquanto as mulheres foram vinculadas ao trabalho reprodutivo e não remunerado.

Essa expressão é machista porque naturaliza essa divisão como se fosse biológica ou tradicional, quando, na realidade, trata-se de uma construção social que sustenta desigualdades. Como afirma hooks (2018, p. 18), "o feminismo é um movimento para acabar com o sexismo, a exploração sexista e a opressão", o que implica questionar justamente essas normas que limitam as mulheres ao espaço doméstico. O impacto dessa frase está na legitimação da dupla jornada feminina e na exclusão simbólica das mulheres dos espaços de decisão e lazer. Para as mulheres negras, o impacto é ainda mais complexo, pois historicamente elas não foram associadas apenas ao "lar", mas também ao trabalho doméstico explorado nas casas de outras famílias, desde o período escravocrata. Assim, a frase invisibiliza que a experiência feminina não é homogênea e que mulheres negras vivenciam simultaneamente o machismo e o racismo estrutural.

---

[1] Estudante da disciplina de educação popular feminista na Amazônia

Além disso, quando mulheres ocupam espaços como bares e botecos tradicionalmente associados à sociabilidade masculina, a desigualdade se manifesta de forma concreta. Muitas vezes, além de sofrerem importunação sexual, abordagens invasivas e constrangimentos, também são alvo de julgamentos morais, sendo acusadas de estarem "caçando homem" ou de não se darem ao respeito. Esse controle social revela que a presença feminina no espaço público ainda é vigiada e condicionada. Quando se trata de mães solteiras, o peso do julgamento é ainda maior: elas são questionadas sobre onde está o filho e criticadas por estarem em um ambiente de lazer, como se a maternidade anulasse seu direito ao descanso e à vida social. Em contrapartida, homens que são pais raramente são interpelados nesses mesmos espaços; dificilmente lhes perguntam onde está o filho ou colocam em dúvida sua responsabilidade paterna. Essa assimetria reforça o que hooks aponta ao discutir que o sexismo estrutura expectativas distintas para homens e mulheres, atribuindo às mulheres a responsabilidade quase exclusiva pelo cuidado. No caso das mulheres negras, esse controle é ainda mais severo, pois recai sobre elas o estigma histórico da hipersexualização e da maternidade deslegitimada, herança do período escravocrata analisada por Angela Davis (2016, p. 19), evidenciando que raça e gênero operam conjuntamente na produção dessas violências simbólicas e materiais.

27 - Mulher age com emoção, não com razão

Miracy Farias da Paixão

A expressão "Mulher age com emoção, não com razão" é frequentemente utilizada para deslegitimar a fala feminina em debates, ambientes profissionais e espaços de liderança. Ela se sustenta em uma construção histórica que associa racionalidade ao masculino e emoção ao feminino, criando uma hierarquia simbólica em que a razão é vista como superior e, portanto, mais apta ao exercício do poder. Essa oposição foi amplamente mobilizada ao longo da história para justificar a exclusão das mulheres da política, da ciência e da produção intelectual, sob o argumento de que seriam incapazes de tomar decisões objetivas.

Historicamente, essa associação também foi utilizada para restringir o acesso feminino à educação formal. Durante séculos, mulheres tiveram escolarização limitada e, quando conseguiam estudar, eram direcionadas a conteúdos considerados compatíveis com sua "natureza", como artes, religião e habilidades domésticas. Disciplinas como matemática, filosofia e ciências exatas eram vistas como próprias do raciocínio masculino, pois exigiria a lógica e a objetividade, qualidades negadas às mulheres. Assim, consolidou-se a ideia de que elas seriam naturalmente menos racionais, quando, na realidade, tratava-se de uma exclusão institucional que preservava o monopólio masculino do conhecimento científico e intelectual.

O uso dessa frase, portanto, reforça a ideia de inferioridade intelectual feminina e configura uma forma de violência simbólica, pois invalida opiniões e denúncias feitas por mulheres, classificando-as como exageradas, instáveis ou histéricas, termo historicamente utilizado para patologizar comportamentos femininos. Ainda que as mulheres tenham ampliado sua presença no mercado de trabalho e nos espaços institucionais, isso não significou a superação da dominação masculina. Como afirma

hooks (2018, p. 64), o ingresso das mulheres no mercado de trabalho não eliminou a desigualdade estrutural de gênero, evidenciando que o sexismo continua moldando as relações sociais mesmo diante de conquistas formais. Assim, mesmo ocupando cargos de liderança, muitas mulheres ainda têm sua competência questionada sob a justificativa de serem "emocionais demais".

Na contemporaneidade, esse mecanismo se manifesta quando mulheres em posições de poder são criticadas não apenas por suas decisões, mas pelo tom de voz, pela postura ou pela firmeza com que se posicionam. Em debates políticos, ambientes corporativos e até nas redes sociais, é comum que mulheres sejam chamadas de "desequilibradas" ou "sensíveis demais" ao defenderem seus pontos de vista, enquanto homens que adotam postura semelhante são descritos como firmes e assertivos. A emoção, quando expressa por homens, pode ser interpretada como liderança; quando expressa por mulheres, torna-se sinal de incapacidade.

No caso das mulheres negras, a situação assume contornos ainda mais complexos. Elas frequentemente não foram historicamente associadas à fragilidade emocional, mas à imagem de resistência e força física, construída no período escravocrata para justificar sua exploração. Além disso, durante séculos, mulheres negras foram sistematicamente impedidas de acessar a educação formal, o que evidencia que a exclusão intelectual também foi racializada. Enquanto mulheres brancas lutavam por ingresso em universidades, mulheres negras enfrentavam barreiras ainda mais básicas de alfabetização e permanência escolar. Na atualidade, o estereótipo da mulher negra "agressiva" ou "raivosa" continua sendo utilizado para deslegitimar sua fala, especialmente quando ocupa espaços de liderança. Assim, não se pode universalizar a experiência feminina, pois gênero e raça operam conjuntamente na produção dessas violências simbólicas, demonstrando que o sexismo é atravessado pelo racismo estrutural.

28 - Puta

Andriene de Moraes Pereira[1]

A palavra "Puta" é amplamente utilizada como insulto direcionado às mulheres, especialmente quando estas rompem expectativas sociais relacionadas à sexualidade. Trata-se de um xingamento carregado de julgamento moral, cujo objetivo é desqualificar e constranger. Seu uso está profundamente ligado ao controle da sexualidade feminina dentro da lógica patriarcal, que estabelece padrões distintos para homens e mulheres. Como aponta bell hooks (2018, p. 95), o pensamento sexista historicamente ensinou que o domínio do desejo sexual era masculino, enquanto mulheres que expressavam desejo eram vistas como desprovidas de virtude. Divididas entre os papéis de "mandona" e "puta", as mulheres foram enquadradas em categorias morais rígidas que limitam sua autonomia sexual.

Ao chamar uma mulher de "puta", não se trata de uma simples palavra ofensiva, mas de um mecanismo disciplinador que busca puni-la por exercer liberdade sobre o próprio corpo. A expressão funciona como forma de vigilância social, reafirmando que a sexualidade feminina deve ser contida, discreta e subordinada às expectativas masculinas. Diferentemente dos homens, que muitas vezes são socialmente valorizados por múltiplas experiências sexuais, mulheres são julgadas e desqualificadas pelo mesmo comportamento. Isso evidencia que o insulto não está relacionado ao ato em si, mas à necessidade de manter o controle sobre a autonomia feminina.

Além disso, a rotulação frequentemente se estende à forma de vestir, falar ou ocupar espaços públicos. Roupas consideradas "curtas" ou "provocativas" são utilizadas como justificativa para

[1] Estudante da disciplina de educação Popular feminista da Amazônia

ataques morais, como se a vestimenta autorizasse julgamentos ou até violências. Assim, o corpo feminino torna-se território de regulação social constante. Para mulheres negras, essa violência assume contornos ainda mais graves, pois reativa uma herança histórica de hipersexualização construída desde o período colonial e escravocrata. Durante a escravidão, mulheres negras foram sistematicamente tratadas como corpos disponíveis, vistas não como sujeitos, mas como propriedade e objeto sexual dos senhores de escravizados. Seus corpos eram explorados tanto para o trabalho forçado quanto para a satisfação sexual, o que consolidou a construção racista da mulher negra como naturalmente lasciva, resistente e sexualmente disponível. Como analisa Angela Davis(2016) em Mulheres, Raça e Classe, a violência sexual contra mulheres negras foi naturalizada no sistema escravocrata, sendo parte estruturante da dominação racial e de gênero.

Essa construção histórica não desapareceu; ela foi ressignificada e permanece no imaginário social contemporâneo. Quando uma mulher negra é chamada de "puta", o xingamento não apenas expressa misoginia, mas reativa esse estereótipo colonial que a associa à promiscuidade e à disponibilidade sexual. Diferentemente da mulher branca, frequentemente vinculada ao ideal de pureza ou fragilidade, a mulher negra é muitas vezes percebida como "sensual por natureza", o que legitima olhares invasivos, abordagens desrespeitosas e maior tolerância social à violência contra seu corpo.

Na contemporaneidade, essa sexualização pode ser observada, por exemplo, na forma como mulheres negras são retratadas na mídia, na publicidade e até mesmo nas redes sociais, frequentemente associadas a estereótipos de erotização excessiva. Também se manifesta quando vítimas negras de violência sexual têm suas denúncias desacreditadas ou relativizadas sob o argumento implícito de que seriam "mais experientes" ou "mais fortes". Assim, a palavra "puta", quando direcionada a uma mulher negra, carrega uma carga histórica ainda mais brutal, pois reforça a ideia de que seu corpo é público, disponível e menos

digno de respeito. Trata-se, portanto, de uma violência que articula simultaneamente sexismo e racismo estrutural, evidenciando que a opressão não opera de forma isolada, mas interseccionada.

29 - Não faz nada o dia inteiro e ainda atrasa o jantar

Larissa Sosinho[1]

A expressão "não faz nada o dia inteiro e ainda atrasa o jantar" é comumente utilizada em contextos domésticos para desqualificar o trabalho realizado por mulheres, especialmente aquelas que desempenham atividades de cuidado e organização da casa. Geralmente, essa frase surge quando o jantar não está pronto no horário esperado ou quando há alguma falha na rotina doméstica, sendo usada como forma de crítica ou repreensão. Ainda que possa parecer uma reclamação pontual, ela carrega uma carga simbólica que revela expectativas tradicionais sobre o papel feminino, profundamente enraizadas em um machismo estrutural que dita a divisão sexual do trabalho. Ao cobrar o jantar como um tributo devido, reforça-se a ideia de que o espaço doméstico é o único destino natural da mulher e que sua função primária é o conforto do parceiro.

De acordo com Gonzalez (2020), a mulher negra é mantida numa posição de "mucama" reatualizada, onde a sua função de servir é naturalizada pela estrutura racista e sexista da sociedade brasileira. Como bem pontuou a intelectual brasileira Lélia Gonzalez, a estrutura social brasileira mantém a mulher negra no lugar da "mucama modernizada": aquela que, mesmo em seu próprio lar, é lida sob a ótica da servidão ininterrupta. Contudo, essa desvalorização ganha contornos ainda mais perversos quando direcionada à mulher negra. Nesse cenário, a crítica extrapola o machismo e encontra as raízes do racismo estrutural e da herança colonial.

Para a mulher negra, o estigma de que "não faz nada" resgata o mito racista da indolência, historicamente utilizado para justificar

[1] Estudante da disciplina de educação popular feminista da Amazônia

o controle e a exploração de seus corpos. Enquanto o tempo do homem é tratado como mercadoria valiosa, o tempo da mulher negra é visto como um recurso infinito de servidão. Muitas vezes, essa cobrança ocorre após uma jornada exaustiva de trabalho fora de casa frequentemente servindo a outras famílias, o que torna a invisibilidade de seu esforço uma forma de desumanização que nega o seu direito ao cansaço e ao repouso.

O impacto misógino e racista desta expressão é significativo. Primeiramente, ela invisibiliza o trabalho doméstico e de cuidado, desvalorizando atividades historicamente associadas ao feminino e, no Brasil, fortemente vinculadas ao passado escravagista. Em segundo lugar, reforça a ideia de que servir é uma obrigação intrínseca à existência dessa mulher. Como consequência direta desse desequilíbrio, os impactos na saúde mental e na autoestima são devastadores. A sensação de que nenhum esforço é suficiente gera um ciclo de exaustão e ansiedade, onde a busca pela "perfeição doméstica" se torna uma tentativa desesperada de evitar críticas ou o arquétipo da "mulher negra raivosa". Quando o trabalho de uma pessoa é sistematicamente desprezado, ela perde sua percepção de valor próprio, tornando-se mais vulnerável a dinâmicas de dependência e controle.

A frase deixa de ser apenas uma reclamação para se tornar uma forma de violência psicológica, funcionando como um mecanismo de controle social. Historicamente, a desqualificação da mulher como "incapaz" ou "preguiçosa" serviu de pretexto para punições físicas e verbais, sob a justificativa moral de que ela "não cumpriu seu papel". Assim, o que começa como uma queixa sobre o jantar, termina por alimentar uma cultura que desumaniza o feminino, ignora as especificidades raciais e legitima a agressão dentro e fora do lar.

30 - Isso não é coisa de menina

Laize Domingues dos Santos[1]

Aqui é o ponto de partida de um ciclo de estereótipos que estrutura o machismo ainda na infância, impondo limitações e controle sobre o corpo e as vontades femininas ao dividir o mundo entre a força e o intelecto masculinos e a passividade e reclusão esperadas das mulheres. Dessa forma, essa norma castra a curiosidade infantil e faz com que a menina internalize que espaços como a ciência, a política e os esportes são territórios estrangeiros, o que permite que a sociedade ridicularize aquelas que decidem ocupá-los. Consequentemente, essa diferenciação estabelece uma hierarquia de poder que desvaloriza a independência feminina pavimenta o caminho para a violência, pois, ao ensinar que a mulher deve ser submissa, a sociedade passa a tratar sua liberdade como uma provocação, justificando agressões físicas e psicológicas como uma forma de "correção" para quem não se comporta.

[1] Estudante da disciplina de educação popular feminista na Amazônia

31 - Mulher que transou com poucas pessoas são as que vão casar com mais facilidade

Luana Geyse Ribeiro Monteiro[1]

A frase "mulher que transou com poucas pessoas são as que vão casar com mais facilidade" é estereotipada, machista e misógina porque julga o valor da mulher pela sua vida sexual e reforça uma ideia antiga de que a mulher "ideal" é aquela que tem pouca experiência, como se isso a tornasse mais digna de respeito ou de casamento. Esse pensamento parte de uma lógica patriarcal que controla a sexualidade feminina e trata o casamento como um prémio, colocando a mulher como alguém que precisa ser escolhida e avaliada, enquanto o homem não é julgado da mesma forma. Pela ótica feminista, essa visão é problemática porque ignora a liberdade, o desejo e a autonomia das mulheres, além de reduzir suas vidas a padrões morais ultrapassados. O feminismo defende que a sexualidade de cada mulher é uma escolha pessoal e não define seu caráter nem seu valor, e que o casamento deve ser uma decisão baseada em afeto e respeito, não em julgamentos ou regras sociais.

[1] Estudante da disciplina de educação popular feminista na Amazônia

32 - Tinha que ser mulher

Estefani Cristina Raiol de Aviz[1]

Essa expressão revela uma estrutura de pensamento marcada pelo preconceito de gênero, pois associa erros, falhas ou incompetência ao fato de alguém ser mulher. Essa frase, frequentemente ouvida no trânsito ou no ambiente de trabalho, naturaliza a desqualificação feminina e reforça estereótipos históricos que colocam as mulheres em posição de inferioridade.

No dia 21/02, após a partida entre Red Bull Bragantino e São Paulo Futebol Clube, essa lógica machista voltou a se manifestar quando o zagueiro do Bragantino atribuiu a derrota à arbitragem feminina, afirmando que "em jogo grande não tem que colocar mulher pra apitar". A declaração não apenas transfere a responsabilidade do resultado para a árbitra, mas também reforça a ideia de que mulheres não teriam competência para atuar em espaços historicamente dominados por homens, como o futebol profissional.

Esse tipo de discurso é misógino porque desconsidera a formação, a qualificação e a autoridade da profissional, reduzindo-a à sua condição de gênero. Além disso, perpetua a exclusão simbólica das mulheres em cargos de liderança e decisão, legitimando a desigualdade e dificultando avanços na equidade de gênero no esporte.

[1] Estudante da disciplina de educação popular feminista na Amazônia

33 - Por trás de um grande homem há sempre uma grande mulher

Stela Santos[1]

Embora pareça elogiosa, essa frase coloca a mulher em uma posição secundária, como alguém que apoia, mas não protagoniza. No entanto, ao ser analisada de maneira crítica, percebe-se que essa expressão reforça uma lógica de desigualdade de gênero ao posicionar a mulher em um papel secundário, de apoio e invisibilidade. A ideia de que a mulher está "por trás" sugere que sua função principal é auxiliar o homem em suas conquistas, e não ocupar espaços de protagonismo por mérito próprio.

Historicamente, as mulheres foram excluídas de diversos espaços sociais, políticos e profissionais, sendo incentivadas a desempenhar funções ligadas ao cuidado e ao suporte emocional dentro do ambiente familiar. Dessa forma, muitas contribuíram significativamente para o desenvolvimento pessoal e profissional de seus parceiros, mas sem o devido reconhecimento social. A repetição dessa frase contribui para a naturalização desse papel de coadjuvante, como se o lugar da mulher fosse sempre nos bastidores, sustentando o sucesso masculino.

[1] Estudante da disciplina de educação popular feminista na Amazônia

34 - Ela é muito mandona

Elane Cristina Silva[1]

Essa frase é frequentemente utilizada para descrever mulheres que assumem posições de liderança, expressam suas opiniões com firmeza ou tomam decisões de forma assertiva. No entanto, essa frase revela um viés de gênero presente na forma como comportamentos semelhantes são interpretados quando praticados por homens e mulheres. Enquanto homens que demonstram autoridade costumam ser vistos como líderes, confiantes e determinados, mulheres que apresentam as mesmas atitudes são muitas vezes rotuladas de maneira negativa.

Essa diferença de percepção contribui para a construção de estereótipos que associam a liderança e o poder ao masculino, ao passo que esperam das mulheres posturas mais submissas, delicadas ou passivas. Ao classificar uma mulher como "mandona", deslegitima-se sua capacidade de liderar e tomar decisões, criando barreiras simbólicas que dificultam sua ascensão em ambientes profissionais e sociais.

[1] Estudante da disciplina de educação popular feminista na Amazônia

35 - Para uma mulher, até que ela entende bastante

Elane Cristina Silva

Essa expressão traz um elogio aparentemente positivo, mas que carrega uma suposição implícita de inferioridade feminina. Ao destacar o gênero como fator de surpresa em relação à competência, reforça-se a ideia de que mulheres, em geral, não dominam determinados assuntos.

Esse tipo de comentário reforça estereótipos de gênero ao sugerir que a capacidade intelectual feminina é inferior à masculina, naturalizando a ideia de que homens são mais aptos para atividades que exigem raciocínio lógico ou conhecimento técnico. Dessa forma, mesmo quando pretende valorizar, a frase acaba reproduzindo uma lógica discriminatória, pois coloca a mulher em uma posição de exceção dentro de um padrão considerado masculino.

36 - Ela só chegou onde chegou porque é mulher / Mulher tem que se dar ao respeito

Stela Santos

Apresentamos essas duas frases, sendo a primeira frequentemente utilizada para questionar ou deslegitimar as conquistas femininas em ambientes acadêmicos, profissionais ou políticos. Ao atribuir o sucesso de uma mulher ao seu gênero, e não à sua competência, esforço ou qualificação, essa expressão reforça a ideia de que mulheres não alcançam posições de destaque por mérito próprio. Cria-se uma narrativa que coloca em dúvida a capacidade feminina, contribuindo para a desvalorização de suas conquistas e para a perpetuação de desigualdades no reconhecimento profissional.

Além disso, essa frase pode impactar diretamente a forma como mulheres são percebidas por colegas e superiores, gerando desconfiança em relação às suas habilidades e exigindo que elas comprovem constantemente sua competência. Esse processo não apenas dificulta sua permanência em posições de liderança, como também reforça estereótipos que associam o sucesso ao masculino.

Já a segunda frase costuma ser usada para responsabilizar a mulher por atitudes ou violências sofridas, como se o comportamento dela determinasse o respeito que merece. Ao contrário do que aparenta, essa expressão desloca a responsabilidade de quem desrespeita para quem sofre o desrespeito.

Implicitamente, reforça-se a ideia de que o homem age por impulso, enquanto cabe à mulher controlar a situação por meio de sua postura, roupas ou comportamento. Assim, naturaliza-se uma lógica desigual, em que o respeito não é visto como direito universal, mas como algo condicionado à conduta feminina.

37 - Ela precisa de um homem / Ela é muito independente, isso assusta

Elane Cristina Silva

A primeira expressão sugere que a mulher não é completa sozinha, como se sua identidade ou estabilidade dependesse da presença masculina. Tal ideia reforça a dependência afetiva e econômica historicamente imposta às mulheres. Além disso, desconsidera a autonomia feminina e a possibilidade de projetos de vida independentes. Todavia, a segunda frase apresenta a independência feminina como algo negativo ou ameaçador. Enquanto a autonomia masculina é valorizada como sinal de liderança e maturidade, a feminina muitas vezes é vista como excesso ou problema. Ao dizer que "assusta", revela-se o incômodo social diante de mulheres que rompem com papéis tradicionais de dependência e submissão. Assim, a expressão reforça padrões de poder associados ao masculino e tenta deslegitimar a autonomia feminina, tratando-a como ameaça em vez de reconhecê-la como direito e expressão de igualdade. Ambas revelam a estrutura de dominação e controle sobre as mulheres

38 - Roupa Curta dá nisso ...

Laura Jemima Castro da Costa[1]

A expressão "roupa curta dá nisso" opera como um mecanismo discursivo de culpabilização da vítima, transferindo a responsabilidade da violência do agressor para a mulher. Trata-se de um discurso que reforça a lógica patriarcal de vigilância e controle sobre o corpo feminino, naturalizando a ideia de que a mulher deve regular sua aparência para evitar agressões. Assim, a violência deixa de ser compreendida como resultado de uma estrutura desigual e passa a ser interpretada como consequência de um comportamento individual.

Sob a perspectiva da violência simbólica, conceito formulado por Pierre Bourdieu, percebe-se que esse tipo de expressão atua de maneira sutil, mas profundamente eficaz, na manutenção das desigualdades. Para o autor, a dominação masculina se perpetua porque é socialmente naturalizada e incorporada como legítima (Bourdieu, 2012). Dessa forma, a frase em análise transforma uma estrutura histórica de opressão em suposta escolha individual feminina. Quando analisamos o impacto dessa expressão sobre mulheres negras, a violência se torna ainda mais complexa. Historicamente, o corpo da mulher negra foi construído, no imaginário colonial, como hipersexualizado, disponível e moralmente inferior. Essa herança escravocrata permanece no modo como a sociedade interpreta suas roupas, seus corpos e sua sexualidade. Diferentemente das mulheres brancas, cuja imagem muitas vezes é associada à fragilidade e à pureza, mulheres negras são frequentemente lidas como "naturalmente sensuais", o que intensifica processos de culpabilização em situações de assédio ou violência.

[1] Estudante da disciplina Educação popular da Amazônia

Nesse sentido, a análise torna-se fundamental. Conforme afirma Djamila Ribeiro, "a mulher negra não é apenas vítima do sexismo, mas de uma sobreposição de opressões que articulam gênero e raça" (Ribeiro, 2017, p. 64). Essa sobreposição intensifica a culpabilização e dificulta o reconhecimento da violência sofrida, especialmente em contextos institucionais como escolas, ambientes de trabalho e sistema de justiça.

Portanto, a expressão "roupa curta dá nisso" não é apenas um comentário moralizante; ela constitui um instrumento discursivo que legitima a violência e reforça desigualdades estruturais.

39 - Dirige igual a mulher

Patrícia Ribeiro[1]

Quando ouvimos a expressão "dirige igual a mulher" tende a associar o feminino à incompetência e à inabilidade, reforçando estereótipos de gênero historicamente construídos. Embora muitas vezes seja falado em tom de brincadeira, ela opera como mecanismo de inferiorização, naturalizando a ideia de que homens seriam mais apropriados para atividades que exigem racionalidade, controle e domínio.

Esse pensamento está diretamente vinculado ao patriarcado enquanto sistema estruturante das relações sociais. Conforme analisa Heleieth Saffioti, o patriarcado se sustenta pela naturalização de desigualdades, apresentando diferenças socialmente construídas como se fossem biológicas (Saffioti, 2015). A suposta inabilidade feminina na direção não vem de qualquer fundamento científico, mas de uma construção cultural que associa técnica e competência ao masculino. Quando essa expressão cai sobre mulheres negras, seus efeitos tornam-se mais intensos. Mulheres negras historicamente foram excluídas de espaços de poder.

A teórica feminista bell hooks destaca que a combinação entre sexismo e racismo produz um processo de desumanização específico direcionado às mulheres negras. Segundo a autora, "o sexismo e o racismo, quando combinados, atuam para perpetuar a negação do reconhecimento intelectual e da competência das mulheres negras" (Hooks, 2019, p. 52). Tal processo contribui para a deslegitimação de suas habilidades e para a necessidade constante de provar capacidade em ambientes sociais e profissionais. Esse tipo de discurso influencia as expectativas desde a infância, especialmente no ambiente escolar, onde meninas

[1] Estudante da disciplina Educação popular da Amazônia

podem internalizar a ideia de que não são naturalmente aptas para áreas técnicas ou científicas. Desse modo, essa expressão ultrapassa o campo da linguagem informal e atua como mecanismo de reprodução das desigualdades estruturais.

40 - Mulher dirige mal

Adria Bomfim[1]

A frase é um estereótipo machista que apresenta uma generalização preconceituosa como se fosse uma verdade natural. Ela não tem fundamento biológico, mas é fruto de construções sociais que, ao longo da história, associaram habilidades técnicas e controle aos homens, enquanto atribuíram às mulheres ideias de fragilidade e incapacidade. Esse tipo de discurso reforça desigualdades, afeta a autoestima feminina e legítima piadas e questionamentos constantes sobre a competência das mulheres no trânsito.

Quando pensamos nas mulheres negras, o impacto é ainda mais profundo, pois elas vivenciam a sobreposição do machismo com o racismo. Além de enfrentarem o estereótipo de gênero, lidam com estigmas raciais historicamente construídos que colocam em dúvida suas capacidades e seu direito de ocupar espaços de autonomia. Assim, essa frase não é inofensiva, ela contribui para manter estruturas de desigualdade e reforça barreiras simbólicas que atingem especialmente as mulheres negras em sua independência e reconhecimento social. Além disso, essa frase produz consequências concretas, podendo afetar a autoestima, gerar insegurança e criar situações de constrangimento e muitas mulheres passam a duvidar de suas próprias habilidades ou são constantemente testadas e questionadas quando estão ao volante. O problema se agrava porque esse tipo de discurso legitima piadas, ofensas e até discriminações mais explícitas no ambiente familiar, social e profissional.

Portanto, a frase "mulher dirige mal" não é inofensiva. Ela faz parte de uma rede de discursos misóginos que sustentam

[1] Estudante da disciplina Educação popular da Amazônia

desigualdades de gênero e raça. Com a sua problematização, compreendemos que combater esse tipo de estereótipo é também enfrentar estruturas históricas de opressão. Em um trabalho acadêmico, é fundamental mostrar que essas falas não são apenas expressões individuais, mas manifestações de um sistema social que hierarquiza pessoas e capacidades.

41 - Fica com esse porque homem está difícil de encontrar

Jennifer Brazão[1]

A frase expressa uma racionalidade patriarcal que vincula o valor social da mulher à sua condição de estar em um relacionamento heterossexual, independentemente da qualidade desse vínculo. Ao deslocar o foco da dignidade e do bem-estar para a lógica da "escassez" masculina, o enunciado naturaliza a dependência afetiva feminina e reforça mecanismos de regulação social do afeto. Trata-se de uma forma de violência simbólica que legitima a permanência em relações desiguais como estratégia de validação social.

No caso das mulheres negras, esse significado adquire maior complexidade. Historicamente posicionadas em um lugar de desvalorização afetiva e hiperssexualização, conforme analisa Lélia Gonzalez (2018), essas mulheres enfrentam não apenas o machismo, mas sua articulação com o racismo estrutural. A noção de interseccionalidade, formulada por Kimberlé Crenshaw (1989), permite compreender que gênero e raça operam conjuntamente, produzindo uma hierarquização racial no campo das relações afetivas.

Para as mulheres em geral, a internalização dessa lógica pode resultar na naturalização da desigualdade conjugal, na tolerância a relações marcadas por assimetria de poder e na construção de uma subjetividade atravessada pelo medo da solidão como fracasso social.

Para as mulheres negras, os efeitos tendem a ser estruturalmente agravados. Além da pressão de gênero, incide a desvalorização racial, que pode intensificar sentimentos de não pertencimento afetivo e reforçar a permanência em relações

[1] Estudante da disciplina Educação popular da Amazônia

precárias como estratégia de reconhecimento. Assim, a frase opera como um dispositivo discursivo que sustenta simultaneamente a ordem patriarcal e a hierarquização racial, produzindo impactos diferenciados e mais complexos na vida de mulheres negras.

42 - Você se arrumou assim para quem?

Jaline Rafaela Almeida Barros [1]

A frase é frequentemente compreendida como um comentário machista porque carrega pressupostos que reforçam desigualdades de gênero e o controle sobre o corpo e a autonomia das mulheres. Pressupõe que a mulher se arruma para agradar alguém (geralmente um homem). A frase parte da ideia de que a mulher não se produz para si mesma, mas para ser vista, desejada ou validada por outro. Isso reforça a noção de que o corpo feminino existe para o olhar masculino conceito que dialoga com o que a filósofa Simone de Beauvoir chamou de construção da mulher como "o Outro", alguém cuja identidade é definida em relação ao homem. Sugere posse ou vigilância, muitas vezes, essa pergunta é feita em tom de desconfiança, especialmente em relações afetivas. Implica que a mulher deve satisfações sobre sua aparência, como se sua autonomia estivesse sob fiscalização.

A autora Bell hooks analisa como o sexismo cotidiano se manifesta em pequenas falas e atitudes que parecem inofensivas, mas mantêm estruturas de dominação.

É fundamental não universalizar a experiência das mulheres. Para mulheres negras, essa frase pode ter impactos ainda mais complexos, pois seus corpos historicamente foram hipersexualidades, associados a estereótipos de disponibilidade e erotização, submetidos a um controle social mais intenso. Nesse contexto, a pergunta pode carregar não apenas ciúme ou controle, mas também a insinuação de promiscuidade ou suspeita, reforçando violências simbólicas atravessadas por racismo e sexismo.

[1] Estudante da disciplina Educação popular da Amazônia

43 - Você ainda é muito bonita, nem parece a idade que tem

Isabelle Araujo da Cruz[1]

Essa frase faz referências ao etarismo, associando a beleza exclusivamente à juventude. As mulheres ainda são rotuladas pela imagem como se com determinada idade perdessem a beleza com o passar da juventude. Cria pressão especialmente sobre mulheres para manter aparências jovens, associando beleza apenas à juventude. Podendo gerar inseguranças com o envelhecimento natural, fazendo com que as mulheres se sintam menos valiosas/ desejadas à medida que envelhecem. Essa frase perpetua o estigma de que o envelhecimento é algo negativo e que a beleza feminina está ligada exclusivamente à juventude. Isso fortalece indústrias e principalmente o mercado da beleza que exploram essas inseguranças e minimizam os outros valores das pessoas, como sua experiência, sabedoria e realizações.

Em relação à mulher negra e relacionando também com as questões sociais como baixa renda, acesso à saúde e à educação, a mulher negra é a que mais sofre com o etarismo, pelos estereótipos que carrega e a vida com dificuldades contrapõe as mulheres brancas com acesso econômico. Desde cedo as mulheres negras têm suas juventudes roubadas por ajudar em casa com os afazeres domésticos, ao cuidar dos irmãos mais novos, ao trabalho informal ou formal para ajudar economicamente em casa acaba por tirar esse cuidado da beleza da mulher negra por não ter opção de escolher entre se cuidar ou sobreviver.

> Enquanto mulheres brancas lamentam serem retiradas do 'trono da beleza' por conta de rugas e cabelos brancos, amplamente discutidos nas rodas de conversa sobre etarismo, as mulheres negras, com a velhice precoce sendo

[1]Estudante de Pedagogia do 8°semestre/ UFPA. Bolsista PMID/SEMEC e Estudante da disciplina Educação popular da Amazônia

consumada pela idade avançada, experimentam o agravamento do abandono e da rejeição que caracteriza sua jornada desde o nascimento (Berth, 2022, Terra.com.br).

44 - A mulher que cuida de tudo (casa, família) / Bela, recatada e do lar/ Fulana lava o prato do seu irmão porque ele é homem

Valdirene de Jesus Carneiro de Sousa[1]

A construção social do papel feminino está profundamente marcada pelo machismo, que define comportamentos e funções considerados "naturais" para as mulheres. Desde cedo, muitas meninas são ensinadas que devem cuidar da casa, da família e dos outros, como se essa responsabilidade fosse parte de sua essência. Essa ideia reforça a desvalorização feminina, pois limita a mulher ao espaço doméstico e ignora suas capacidades em outros contextos sociais.

Além disso, existe uma forte pressão para que a mulher apresente um comportamento considerado ideal, baseado na submissão, na aparência e na discrição. Expressões que valorizam a mulher apenas quando ela é "recatada" e dedicada ao lar contribuem para reforçar a ideia de que seu valor está ligado à sua capacidade de servir e agradar. Esse tipo de pensamento restringe a liberdade feminina e reforça a dependência em relação ao homem, mantendo uma estrutura desigual nas relações sociais.

Essa desigualdade também é ensinada dentro do próprio ambiente familiar, quando meninas são incentivadas a realizar tarefas domésticas enquanto os meninos são poupados dessas responsabilidades. Situações como mandar a menina lavar o prato do irmão apenas por ele ser homem demonstram como a dominação masculina é naturalizada desde a infância. Esse processo faz com que a mulher cresça acreditando que seu papel é servir, enquanto o homem ocupa uma posição de privilégio. Dessa forma, essas práticas cotidianas reforçam o machismo e contribuem para a continuidade da desigualdade de gênero, evidenciando a

[1] Estudante da disciplina Educação popular da Amazônia

necessidade de questionar esses padrões e promover uma sociedade mais justa e igualitária.

Segundo Bell hooks (2018) "o pensamento sexista ensina que as mulheres são naturalmente inferiores aos homens" e que essa ideia de inferioridade não é algo natural, mas sim algo construído e ensinado pela sociedade. Desde cedo, meninos e meninas são educados de formas diferentes, recebendo mensagens que reforçam que o homem é mais forte, mais capaz e mais preparado para liderar, enquanto a mulher é vista como mais frágil, emocional e destinada a cuidar da casa e da família. Esse tipo de pensamento é chamado de sexista porque cria uma desigualdade baseada apenas no fato de ser homem ou mulher.

Esse ensinamento aparece em diversas situações do cotidiano, como quando dizem que certos trabalhos são "coisa de homem", que mulher não sabe dirigir ou que não tem capacidade para ocupar cargos de liderança. Essas ideias acabam fazendo com que muitas mulheres sejam desvalorizadas, tenham menos oportunidades e, muitas vezes, duvidam da própria capacidade. Além disso, esse pensamento fortalece a dominação masculina e mantém a desigualdade entre os gêneros.

Quando as mulheres se desdobram entre o cuidado com filhos, parceiros e idosos, muitas vezes conciliando o trabalho doméstico com o emprego remunerado, acabam, ainda que inconscientemente, validando a estrutura de dominação vigente. Essa dinâmica é fruto de uma socialização distinta: desde a infância, meninas e meninos são preparados para papéis opostos. Enquanto eles são incentivados a ocupar o espaço público e as esferas de poder, elas são educadas para o âmbito privado.

45 - É um fdp!

Valdirene de Jesus Carneiro de Sousa

Esse xingamento é direcionado a um homem, mas que ataca a honra da sua mãe. A ofensa é construída em cima da conduta sexual da mulher (a mãe), reforçando a ideia de que a maior vergonha de um homem é ter uma mãe que exerce sua liberdade sexual. Quando alguém comete um erro, uma grosseria ou uma canalhice, o insulto não ataca o caráter da pessoa em si, mas sim a moralidade da mãe dela. A lógica implícita é que, se o indivíduo é "ruim", é porque ele veio de uma mulher "sem virtude". Isso isenta o homem de sua responsabilidade individual e ataca a honra da mulher que o gerou.

O xingamento utiliza a "prostituição" (ou a suspeita dela) como o nível máximo de degradação. Isso reforça a ideia de que o valor de uma mulher está estritamente ligado ao seu comportamento sexual e à sua fidelidade aos padrões patriarcais. Para um homem, ser "promíscuo" raramente é usado como um insulto devastador. Para uma mulher, ser associada à prostituição é usado para invalidar toda a sua existência e a de seus filhos.

Muitas pessoas utilizam essa expressão de forma automática, como uma mera interjeição de raiva, sem refletir sobre o peso simbólico que ela carrega. No entanto, ao converter o feminino no principal alvo de ofensa, reforça-se a base cultural que sustenta as diversas violências sofridas pelas mulheres.

A violência patriarcal está diretamente ligada ao pensamento sexista e à dominação masculina, que colocam o homem em uma posição de poder e controle sobre a mulher. Nesse sentido, não se trata apenas de agressões físicas, mas de um sistema que legitima diferentes formas de violência, inclusive simbólicas e verbais. Ao afirmar que a violência patriarcal é baseada na crença de que um

indivíduo mais poderoso pode controlar o outro por meio da força coercitiva, bell hooks evidencia que:

> A violência patriarcal em casa é baseada na crença de que é aceitável que um indivíduo mais poderoso controle outros por meio de várias formas de força coercitiva. Essa definição estendida de violência doméstica inclui a violência de homens contra mulheres, a violência em relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo e a violência de adultos contra crianças. O termo "violência patriarcal" é útil porque, diferentemente da expressão "violência doméstica", mais comum, ele constantemente lembra o ouvinte que violência no lar está ligada ao sexismo e ao pensamento sexista, à dominação masculina. (Hooks, 2018, p. 89).

Essa dominação é sustentada por uma cultura que considera aceitável o controle do homem sobre a mulher.

Essa reflexão pode ser relacionada ao uso de expressões como "filha da puta", que, embora muitas vezes seja direcionada a um homem, utiliza a figura feminina como forma de insulto. Isso revela como a sociedade associa o feminino a algo negativo e inferior, reforçando a desvalorização da mulher. Esse tipo de linguagem é uma forma de violência simbólica, pois contribui para naturalizar o desrespeito e a inferiorização feminina. Assim como aponta o texto, o sexismo está presente nas práticas cotidianas e ajuda a sustentar a dominação masculina, criando um ambiente em que a violência contra a mulher se torna mais tolerada ou invisibilizada.

Além disso, quando essa lógica de poder é naturalizada, ela fortalece a ideia de que o homem tem o direito de exercer controle sobre a mulher dentro do ambiente doméstico, seja por meio de palavras, ameaças ou agressões físicas. Dessa forma, a violência não começa apenas no ato físico, mas também nas construções culturais e linguísticas que reforçam a inferioridade feminina. Assim, tanto a violência doméstica quanto às expressões misóginas fazem parte de um mesmo sistema patriarcal, que mantém a desigualdade de gênero e perpetua diferentes formas de violência contra a mulher.

46 - Ela é mal amada e mal comida

Elizandra Helen da Mata Nunes Barbosa[1]

Tal expressão refere-se a um linguajar muito comum em nossa sociedade e que tem sido proferido por homens e mulheres em diferentes ambientes como: trabalho, escola, repartições públicas, dentre outros. A prática é exercida nas diferentes idades e classes sociais.

O termo é utilizado de maneira depreciativa quando uma mulher impõe limites, demonstra irritação, frustração, aborrecimento, firmeza ou simplesmente não é paciente. A mulher – alvo das ofensas tem seu humor e seu estado psicológico em constante julgamento em que se prevalece a passividade dela perante o "trato" sexual de um homem para que a torne feliz (resignada). Essa situação é uma das práticas sexistas mais cruéis arquitetadas pelo machismo porque reduz a complexidade emocional da vítima a uma questão quase exclusivamente biológica e sexual.

Por outro lado, no contexto masculino, a situação muda completamente, ao ponto de se acaso um homem demonstra estar bravo ou impaciente, é visto como um homem "determinado", de temperamento forte ou está tendo apenas um "dia ruim", ou seja, as pessoas facilmente tecem compreensões e eufemismos para amenizar a situação e tudo acaba sendo encarado como um problema que acontece de maneira fortuita.

Não obstante, a compreensão de que homens e mulheres são socializados no sexismo desde o nascimento é importante para entendermos como houve a sedimentação de práticas que humilham e submetem muitas mulheres a violências simbólicas e físicas ao longo dos séculos. Por isso, o feminismo não deve ser visto como

[1] Estudante da disciplina Educação popular da Amazônia

uma luta de mulheres contra homens, mas como um esforço coletivo e necessário para erradicar o patriarcado (Hooks, 2018).

47 - É sapatão porque não conheceu homem macho de verdade

Elizandra Helen da Mata Nunes Barbosa

Tal afirmação denota de forma desumana como a homossexualidade feminina é entendida por muitas pessoas no sentido de existir a tentativa de construir uma explicação para o "fenômeno" como uma anomalia, transcendendo um olhar baseado na forma mais perversa da misoginia. Muitos dos argumentos ainda têm o apelo de uma "falta de opção" dessa mulher ou de uma experiência ruim com homens no passado. E o mais preocupante é a ideia de que o homem "certo" poderia "corrigi-la". Nega-se, portanto, a autonomia e a existência da identidade lésbica, tratando-a como uma fase que pode ser revertida pelo desempenho masculino pautada na ideologia do "macho de verdade".

A Lesbofobia, de modo geral, pode ser denominada como a "repulsa ou preconceito contra a homossexualidade feminina ou contra as mulheres homossexuais" (Priberam, 2025). Nesse sentido, termos como "Maria Macho" e "sapatão" são formas pejorativas que muitos indivíduos utilizam para tratar as mulheres que têm relações homoafetivas ou que não exercem a feminilidade esperada e legitimada pela sociedade. É sabido que muitas dessas mulheres, por medo de diversos tipos, acabam presas em relacionamentos heteronormativos e em muitos casos vivem em isolamento familiar e social.

As vítimas também sofrem com outros problemas de ordem psicológica o que as leva ao confinamento, especialmente nos primeiros anos da adolescência - fase em que passam pelas primeiras descobertas de si mesmas e consequentemente enfrentam contendas familiares. Elas, muitas vezes por não se encaixarem nos padrões considerados "normais", vivem nas sombras, privadas de ser o que verdadeiramente são.

Por conseguinte, "é por meio da perseguição sistemática, organizada e orquestrada que o patriarcado atua em missão cruzadística e civilizatória contra as múltiplas existências lésbicas" (Peres, Soares e Dias, 2018, p.43).

Nesse lastro, maneiras eficazes para combater o preconceito são extremamente importantes, assim como a elaboração de políticas públicas para coibir a violência crescente contra essas mulheres, nesse sentido:

> A compreensão primária de que é ser lésbica em uma sociedade patriarcal, racista, classista e hegemonicamente neopentecostal e/ou católica como a brasileira, no início do século XXI, é, por si só, uma tarefa audaciosa e nem sempre bem-sucedida e poderia ser suficiente para caracterizarmos o lesbocídio como um crime de ódio a cada uma das poucas mortes lésbicas que conseguimos registrar. Sim, porque assim como ser lésbica, morrer lésbica é algo invisibilizado. (Peres, Soares e Dias, 2018, p.45).

O lesbocídio, portanto, é a face mais perversa de um preconceito estrutural que, embora latente, ainda permanece à sombra das discussões públicas. Mesmo diante do avanço alarmante nos índices de feminicídio que presenciamos hoje, a violência específica contra mulheres lésbicas é frequentemente silenciada ou negligenciada por diversos setores da sociedade. Esse apagamento revela que o preconceito não é apenas velado, mas uma omissão deliberada que alimenta um ciclo crescente de vulnerabilidade e dor, mas até quando?

Nessa conjuntura "como mulheres, pensamos e nos pensamos como corpos, estes mesmos que tem sido tomado como espaços de violências que se manifestam de inúmeras formas e que têm no feminicídio o golpe final de tentativa de dominação e silenciamento" (Lima, Neri e Silva, 2021, p.74).

48 - Se ele passou a mão nela a culpa é dela, quem mandou colocar essa roupa curta!

Elizandra Helen da Mata Nunes Barbosa

O termo acima apesar de perturbador é muito comum e geralmente acontece quando a responsabilidade por um ato de violência ou assédio é transferida da pessoa que cometeu a agressão para a pessoa que a sofreu (culpabilização da vítima). Ao invés de se questionar o comportamento do agressor, questiona-se a conduta, a roupa, o horário ou o local onde a vítima estava. Nesse sentido, o corpo feminino é tido como um objeto público e que a escolha de uma vestimenta funciona como um "convite" ou uma autorização para o toque que a vítima não consentiu.

Frases como esta mantém a cultura de dominação, que tem sido elaborada há séculos e que tem a mulher como seu principal alvo. O enfoque misógino se baseia na ideia de que a segurança da mulher é condicionada ao seu comportamento que precisa ser "adequado", invalidando o direito humano fundamental à autonomia e ao respeito.

Nas sociedades mundo afora, milhares de mulheres e crianças têm seus corpos invadidos e violentados diariamente. Todos os dias acompanhamos números alarmantes de ocorrências de estupro, assédio, assassinatos e demais tipos de violência. Estatísticas assustadoras que vêm se expandido de forma galopante, constatando a ainda controversa "cultura do estupro" em ambientes onde a violência sexual é normalizada, desculpada, justificada e encoberta por comportamentos sociais absurdos embasados em normas de gênero.

Nesse viés, Sousa (2017) enfatiza que o estuprador não deve ser visto apenas como um criminoso ou um doente mental, pois ele está presente em todas as classes sociais. Suas ações não são frutos de uma patologia, mas sim uma forma de impor submissão e violar

os direitos fundamentais à integridade física e psicológica da vítima. Nesse sentido, autora esclarece que:

> Tais valores são repassados para toda a sociedade, que vitimiza a mulher principalmente por, segundo a concepção geral, colocar-se nas chamadas 'situações de risco', nas quais a mesma é culpada por não seguir as chamadas regras de conduta. Regras de conduta, que, por sua vez, são inseridas na socialização da mulher desde o momento do nascimento, ensinando-a que tipo e tamanho de roupas vestirem, que tipo de maquiagem usar, como se comportar na rua, quando e como beber, quais os horários pode sair de casa, e, assim, sucessivamente, depositando na mulher a responsabilidade sobre os atos dos terceiros contra a sua integridade sexual. (Sousa, 2017, p.13).

Ressalta-se ainda que muitas das falas que evidenciam a violência estrutural do patriarcado são proferidas também por mulheres. Ao reproduzir o discurso do machismo, elas reafirmam a inferioridade da mulher em face à supremacia masculina, perpetuando a sua própria subordinação. Portanto essas falas "são expressões que, além de legitimarem o patriarcado, também afrontam e banalizam toda a luta feminista construída ao longo da história. É um desrespeito às Leis [...] e a todas as mulheres que lutam, cotidianamente, pelo direito de existir e coexistir" (Andrade,2025, [p.2]).

49 - Já sabe cozinhar, já dá para casar!

Ana Karoline Coelho Ferreira[1]

Parece uma frase inofensiva e até elogio, mas carrega uma ideia bem antiga e desigual: a de que o valor de uma mulher, e até sua prontidão para um relacionamento, pode ser medido pela capacidade de cuidar da casa e servir. No fundo, ela reafirma a divisão sexual do trabalho, organizando a vida cotidiana de forma que o doméstico fique naturalizado como coisa de mulher, enquanto o que é visto como trabalho produtivo ganha mais prestígio social (Hirata; Kergoat, 2007). Quando a frase reduz o casamento a uma espécie de recompensa por competência doméstica, ela reforça normas de gênero que limitam escolhas, autonomia e liberdade, sustentando hierarquias tanto no espaço privado quanto no público (Biroli, 2018).

Na realidade, isso aparece no dia a dia de um jeito muito concreto: em reuniões de família, em comentários na escola, nas piadas do trabalho, nas redes sociais e até na forma como muita gente encara a divisão das tarefas em casa. Mesmo quando mulheres estudam, trabalham fora e correm atrás de formação e estabilidade, ainda é comum que elas sejam cobradas por dar conta do lar como se fosse obrigação natural e não um trabalho que mantém a vida funcionando. Esse tipo de fala ajuda a normalizar o trabalho reprodutivo (cozinhar, limpar, cuidar, organizar rotina) como destino feminino, invisível e desvalorizado, quando na prática ele é essencial e desgastante (Federici, 2004). Ela também alimenta cobrança e culpa: se a mulher não gosta, não sabe ou não quer cozinhar, vira motivo para julgamento moral, como se estivesse falhando com um papel social de "boa esposa", o que funciona como controle simbólico do comportamento feminino

[1] Estudante da disciplina de Educação Popular feminista da Amazônia.

(Hirata; Kergoat, 2007). E, dentro das relações, isso se conecta diretamente à dupla jornada e às vezes tripla jornada: muitas vezes a mulher trabalha fora e, ainda assim, segue sendo a principal responsável pela casa, o que estrutura desigualdades de tempo, oportunidades e bem-estar dentro da família (Hochschild; Machung, 1989; Biroli, 2018). Além disso, quando reconhecimento e afeto ficam condicionados à utilidade doméstica, o cuidado deixa de ser uma construção recíproca e passa a ser exigência, favorecendo relações assimétricas e até formas sutis de dependência e controle (Biroli, 2018).

O feminismo negro aprofunda essa crítica porque mostra que essa cobrança doméstica não cai do mesmo jeito sobre todas as mulheres: gênero, raça e classe atuam juntos, produzindo experiências específicas que não aparecem quando se fala apenas de mulheres de forma geral (Crenshaw, 1989). No Brasil, a articulação entre racismo e sexismo ajuda a entender por que certos lugares sociais, como servir, cuidar e estar sempre disponível, foram historicamente empurrados para mulheres negras, como se fosse natural (Gonzalez, 1984; Carneiro, 2011). Essa herança se relaciona a um trabalho doméstico racializado: a concentração de mulheres negras em atividades de cuidado e serviço, inclusive no trabalho doméstico remunerado, segue sendo uma marca estrutural, com presença expressiva no cenário contemporâneo (Davis, 2016; Pinheiro; Tokarski; Vasconcelos, 2020).

E junto disso vêm os estereótipos, as imagens de controle, que colocam mulheres negras como "fortes", como se aguentasse tudo, apagando o direito ao descanso, ao cuidado recíproco e ao prazer (Collins, 2000). Em muitos contextos, ainda se soma a pressão da respeitabilidade, em que demonstrar "dignidade" é confundido com se adequar a papéis tradicionais, como o de "boa esposa", funcionando como disciplina moral e social (Higginbotham, 1993). Assim, o que parece uma frase simples acaba operando como um dispositivo cultural que reforça a subordinação doméstica feminina e, no olhar do feminismo negro, evidencia como essas expectativas

se conectam a desigualdades históricas e estruturais que racializam o cuidado (Crenshaw, 1989; Gonzalez, 1984; Davis, 2016).

50 - Ele ajuda em casa

Jéssica Miranda do Nascimento[1]

A frase costuma vir como elogio, mas ela revela uma regra silenciosa: a casa e o cuidado continuam sendo tratados como responsabilidade natural da mulher, e o homem aparece como quem faz um favor lavar uma louça, arrumar um quarto ou cuidar do próprio filho ou filha. Esse jeito de falar reforça a divisão sexual do trabalho, que empurra o doméstico para a mulher (Hirata; Kergoat, 2007). No cotidiano, isso vira rotina de sobrecarga: mesmo estudando, trabalhando muitas mulheres seguem sendo cobradas como "gestoras" do lar, acumulando cansaço, falta de tempo e menos oportunidades, o que sustenta desigualdades dentro da família e também na vida pública (Biroli, 2018).

E não é só tarefas: é também a carga mental de lembrar, planejar, organizar e garantir que tudo funcione, um trabalho de manutenção da vida cotidiana historicamente invisibilizadas e desvalorizado (Federici, 2004). No fim, a frase ajuda a normalizar a "segunda jornada", quando a mulher trabalha fora e, ainda assim, o doméstico permanece como obrigação dela, enquanto ele é aplaudido por fazer o básico (Hochschild; Machung, 1989).

A partir do feminismo negro, isso fica ainda mais nítido porque gênero, raça e classe não atuam separadamente: as desigualdades se combinam e criam experiências específicas para mulheres negras, inclusive na forma como o cuidado é socialmente distribuído (Crenshaw, 1989). No Brasil, a história do trabalho doméstico é atravessada por racialização, e isso aparece tanto nas expectativas de "vocação para servir" quanto na realidade do trabalho doméstico remunerado e suas vulnerabilidades (Davis, 2016; Pinheiro; Tokarski; Vasconcelos, 2020). Além disso, pesam

[1] Formada em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará

estereótipos que cobram força permanente e tolerância ao desgaste, apagando o direito ao descanso e ao cuidado recíproco (Collins, 2000), e também a pressão para provar "respeitabilidade" por adequação a papéis tradicionais, como se isso fosse medida de valor e dignidade (Higginbotham, 1993). Em diálogo com a realidade brasileira, autoras como Lélia Gonzalez e Sueli Carneiro ajudam a entender como racismo e sexismo se articulam culturalmente, naturalizando lugares sociais e expectativas que recaem com mais peso sobre mulheres negras (Gonzalez, 1984; Carneiro, 2011).

51 - Ela gosta de apanhar, é mulher de bandido!

Jéssica Miranda do Nascimento

Trata-se de um enunciado que naturaliza a violência contra a mulher e reafirma a lógica de culpabilização da vítima, isto é, a ideia de que a permanência em uma relação abusiva seria resultado de uma escolha individual ou de uma suposta inclinação feminina ao sofrimento. Essa construção discursiva desloca a responsabilidade do agressor para a mulher, encobrindo as dimensões estruturais da violência de gênero e suas raízes no machismo e na desigualdade social (Saffioti, 2004). No âmbito social, tais discursos enfraquecem a cidadania das mulheres. Biroli (2018) argumenta que normas de gênero sustentam hierarquias no espaço privado e público, limitando a participação plena das mulheres na vida social. Quando a violência é minimizada ou justificada, há também impacto institucional, pois se reduz a efetividade das políticas de proteção e combate à violência.

52 - Deve estar saindo com o chefe

Maria Eduarda Moreira[1]

Esta frase é retirada do dicionário de expressões machistas, representa um julgamento implícito de que a ascensão profissional e sucesso de uma mulher está associado a favores sexuais e não a sua competência. A expressão é um retrato do Machismo estrutural, da misoginia simbólica e violência moral, pois deslegitima a capacidade da mulher e reforça os estereótipos de subordinação, ainda que venha enrrustido, a frase indica assédio sexual, violência muito comum em ambientes corporativos, justamente, por ser de predominância masculina, nos casos de cargos altos, de liderança onde pouco se veem mulheres atuando. Nesse mesmo viés, a frase "É muito bonita pra ser inteligente." Que também de modo sutil, pode até se passar como um 'elogio', sobretudo a expressão carrega também violência simbólica e sexismo internalizado, resumindo o feminino à aparência. Tal fala expressa uma ideia problemática de que beleza e inteligência seriam qualidades incompatíveis para uma mesma mulher. Sobretudo, quando se trata de mulheres pretas, que pra sociedade cabia somente a sexualiazação de seus corpos, há muito deixadas de fora do padrão de beleza embranquecido. Então nesses debates, por muito tempo estiveram excluídas como pauta.

A frase explícita como se a função social fosse apenas "ser agradável aos olhos", e não podendo pensar, produzir conhecimentos e ocupar espaços de decisão. Pois enquanto historicamente, mulheres tem suas principais qualidades atreladas a delicadeza, ser bonita e agradável, aos homens, impera a racionalidade, liderança e capacidade intelectual. O alimenta o estereótipo de "mulher fútil e interesseira".

---

[1] Estudante da disciplina de educação popular feminista da Amazônia.

53 - Lugar de mulher é em casa cuidando dos filhos/ Mulher minha tem que ficar dentro de casa cuidando dos filhos e de mim quando chegar

Vivian Araujo Costa[1]

As frases não configuram opiniões isoladas, mas expressões de uma estrutura histórica de poder que reafirma a divisão sexual do trabalho. Ao delimitar o espaço feminino ao ambiente doméstico, tais enunciados reforçam o patriarcado enquanto sistema político e social.

Conforme afirma Bell Hooks (2018, p. 23), "o feminismo é um movimento para acabar com o sexismo, a exploração sexista e a opressão", denunciando precisamente as bases que sustentam a naturalização da dominação masculina.

Nesse sentido, quando se romantiza a permanência da mulher no lar como expressão de cuidado ou amor, oculta-se o caráter estrutural dessa imposição. O que se apresenta como proteção pode, na prática, constituir isolamento social, dependência econômica e limitação da autonomia feminina. Hooks (2018) destaca que o patriarcado ensina homens a exercer poder e mulheres a aceitá-lo como legítimo, o que contribui para a manutenção de relações desiguais.

No cotidiano, essa lógica se manifesta quando mulheres são desencorajadas a priorizar a carreira sob o questionamento "Quem vai cuidar dos filhos?", quando acumulam a dupla jornada — trabalho remunerado e trabalho doméstico não remunerado — ou quando são criticadas por investirem tempo em si mesmas. Em relações abusivas, o controle se amplia: o parceiro regula amizades, restringe recursos financeiros e interfere em decisões profissionais sob o argumento de "cuidado".

---

[1] Estudante da disciplina de Educação Popular Feminista da Amazônia

Essa dinâmica é representada de forma emblemática no filme Dormindo com o Inimigo, no qual a protagonista vive em um casamento marcado por controle extremo. O marido determina a organização da casa, impõe padrões rígidos de comportamento e vigia minuciosamente sua rotina. O espaço doméstico, socialmente associado à proteção, transforma-se em território de opressão e medo. A narrativa evidencia como o discurso de amor e zelo pode ocultar práticas sistemáticas de dominação, ilustrando concretamente o que Hooks (2018) problematiza ao analisar o patriarcado como estrutura que legitima o controle masculino sobre a vida das mulheres.

Além disso, as frases "Esse tipo de roupa não é para você" e "Você não se dá valor. Olhe sua roupa" revelam outra dimensão do controle patriarcal: a regulação do corpo feminino. Ao associar vestimenta à moralidade, reforça-se a ideia de que o corpo da mulher é público e deve ser constantemente vigiado. Essa perspectiva sustenta o que estudiosas denominam cultura do estupro — um conjunto de crenças e práticas que normalizam ou minimizam a violência sexual, culpabilizando a vítima e relativizando a responsabilidade do agressor. Expressões como "ela provocou" ou "estava pedindo" exemplificam essa lógica ao deslocarem a culpa da violência para a conduta da mulher.

Hooks (2018) também enfatiza que a opressão de gênero não pode ser analisada de forma dissociada da raça. Mulheres negras, historicamente hipersexualizadas desde o período escravocrata, foram construídas socialmente sob estereótipos de disponibilidade sexual e resistência à dor. Esse processo contribui para que, na cultura do estupro, seus relatos sejam frequentemente deslegitimados ou minimizados. No cotidiano, isso se manifesta em comentários invasivos sobre seus corpos, na fetichização em ambientes profissionais e na maior dificuldade de reconhecimento institucional quando denunciam violência.

Dessa forma, as frases analisadas operam como mecanismos simbólicos de sustentação das desigualdades estruturais. Ao naturalizar a divisão sexual do trabalho, o controle do corpo

feminino e a culpabilização das vítimas — especialmente mulheres negras —, tais discursos reforçam o patriarcado e perpetuam relações de poder desiguais, conforme problematiza Hooks (2018).

54 - Quem pariu Mateus que embale! / Ela é a mãe, tem que se virar

Jullye Gabrielle Cezar da Silva[2]

Diante dessas duas expressões apresentamos as seguintes compreensões. A primeira é utilizada para atribuir exclusivamente à mãe a responsabilidade pelo cuidado com os filhos, reforçando a ideia de que a maternidade é uma obrigação individual, natural e intransferível da mulher. Esse discurso é produzido historicamente no interior de uma sociedade patriarcal e opera como um mecanismo de desresponsabilização paterna e coletiva. A partir da teoria feminista, especialmente do feminismo negro, é possível compreender que essa cobrança não atinge todas as mulheres da mesma forma: ela recai de maneira mais intensa sobre as mulheres negras, que são maioria entre as chefes de famílias monoparentais e que, em grande parte, vivenciam a maternidade solo em contextos de desigualdade social e racial.

Essa realidade está ligada a processos históricos que associaram essas mulheres ao trabalho do cuidado e à sustentação familiar sem o devido suporte do Estado e dos pais das crianças. Assim, a expressão reforça não apenas a divisão sexual do trabalho, mas também o racismo estrutural, ao invisibilizar as condições materiais e emocionais dessas mães. Como consequência, gera sobrecarga física e psicológica, sentimento de culpa e isolamento, atingindo de forma ainda mais intensa as mães trabalhadoras, sobretudo as mulheres negras.

Já na segunda expressão aparece, geralmente, em contextos de dificuldade ou ausência de apoio no cuidado com os filhos, funcionando como um mecanismo de naturalização e centralizando a responsabilidade nas mulheres pelo cuidado. Esse discurso está

[2] Estudante da disciplina de Educação popular Feminsita na Amazônia

ligado à construção histórica da maternidade como destino feminino e ao ideal patriarcal da mãe abnegada, que tudo suporta. Sob a perspectiva da teoria feminista, especialmente do feminismo negro, é fundamental evidenciar que essa responsabilização recai de maneira ainda mais intensa sobre as mulheres negras, que historicamente foram colocadas no lugar do cuidado, primeiro como amas de leite, empregadas domésticas e cuidadoras dos filhos de outras mulheres, e, hoje, como as que mais enfrentam a maternidade solo em condições de vulnerabilidade social.

No Brasil, as mulheres negras são maioria entre as chefes de família sem cônjuge e entre as mães de crianças sem o registro paterno, o que revela a intersecção entre racismo estrutural, desigualdade de classe e patriarcado. Assim, essa expressão reforça não apenas a dominação masculina, mas também a racialização da sobrecarga do cuidado. Como impacto, produz culpa, sobrecarga e isolamento, além de desresponsabilizar pais, familiares e o Estado, contribuindo para a manutenção das desigualdades na divisão do trabalho doméstico e de cuidado.

55 - Comporte-se como uma moça / Vista-se de forma mais feminina, você está parecendo um macho

Adriany Costa[1]

Diante das duas expressões que descartamos. A primeira é usada como uma ferramenta de controle, fundamentada na premissa de que a feminilidade é um conjunto de restrições de movimento, fala e desejo. A intenção por trás do uso dessa fala é controlar a feminilidade da mulher, enquadrando-a em um papel de passividade e submissão que facilita o controle social. No contexto histórico, esse controle vincula-se à domesticação da mulher no sistema patriarcal, o que visa tornar esta mulher uma figura previsível e funcional à manutenção de uma mera ordem privada e reprodutiva, o impacto para as mulheres e a fragmentação da identidade e a vigilância constante onde a liberdade é sacrificada em troca dessa aceitação social que lhe é imposta.

Já a segunda evidencia a imposição de padrões estereotipados sobre as mulheres. Esses padrões se perpetuam na vestimenta e em uma faceta heteronormativa que tenta apagar rastros de ambiguidade ou qualquer ameaça à distinção entre os gêneros, estabelecida desde o nascimento. A intenção dessa frase é reafirmar que o valor da mulher está atrelado à feminilidade que ela demonstra para agradar a uma sociedade machista. Para as mulheres, isso gera um processo de alienação do próprio corpo e a deslegitimação de sua identidade. Essa é uma herança da colonização, que impôs binarismos rígidos para organizar o trabalho e a moralidade sobre corpos que antes possuíam outras formas de se expressar.

No recorte racial essa imposição ganha camadas ainda mais perversas, pois para a mulher negra, a cobrança por vestir-se mais

[1] Estudante da disciplina de Educação popular feminista da amazônia

feminina, não apenas uma questão estética, mais uma reflexão da de feminilização histórica imposta no racismo. O projeto colonial hipermasculinizou os corpos negros para justificar a exploração do trabalho braçal, retirando dessas mulheres o direito à fragilidade e ao autocuidado. Assim, quando o discurso social as acusa de 'parecerem machos', está, na verdade, reativando um estigma colonial que nega à mulher negra o status de sujeito feminino, condicionando sua aceitação à mimetização de padrões estéticos eurocêntricos que ignoram e apagam suas raízes e identidades

56 - Não ria alto, você é uma moça

Adriany Costa

Nesse contexto, há uma tentativa de controle social também, no sentido de que a repressão do riso e da voz é uma tentativa de invisibilização política e social em vários aspectos, seja no âmbito familiar, profissional ou acadêmico, onde, em muitos locais, as mulheres são silenciadas. A intenção aqui é disciplinar a alegria e a presença da mulher, condicionando seu valor ao "silêncio respeitoso". O impacto direto é a perda da autoconfiança e a dificuldade de ocupar espaços de fala e poder, pois a mulher cresce acreditando que sua manifestação é uma falha de caráter. Silenciar o riso é, também, uma tentativa de enfraquecer o tecido da coletividade feminina. E quando essa repressão recai sobre a mulher negra, adquire uma carga de hipervigilância racial.

O sistema busca neutralizar qualquer traço de expansividade que possa ser lido através do estereótipo da “mulher negra agressiva”. Para ela, o silenciamento do riso não é apenas uma norma de etiqueta, mas uma estratégia de docilização imposta pela branquitude. Enquanto o riso da mulher branca é podado para que ela se mantenha 'frágil', o da mulher negra é silenciado para que ela não seja percebida como uma ameaça ou como 'incivilizada'.

57 - Ela posta foto se aparecendo, gosta de se exibir pra homem

Daniela Moura[1]

Esta expressão parte da ideia de que o corpo da mulher existe para o olhar masculino. Ao presumir que, se ela publica uma foto, é para chamar atenção de homens, logo a fala nega sua autonomia, reduz sua intenção a validação masculina e transforma autoestima em algo moralmente questionável. Esse discurso tem raízes históricas: por muito tempo, mulheres foram valorizadas quando discretas e punidas socialmente quando visíveis. A exposição feminina sempre foi mais julgada do que a masculina. Nas redes sociais, essa vigilância apenas mudou de formato, saiu do espaço doméstico e foi para o digital.

Este termo costuma aparecer em contextos de controle em relacionamentos, como justificativa para ciúmes, ou como forma de desqualificar a autoconfiança feminina. Também pode ser reproduzida por outras mulheres, como reflexo de uma cultura que ensina a vigiar o comportamento feminino. O impacto é significativo: gera culpa pela própria imagem, autocensura, insegurança e pode reforçar dinâmicas de manipulação emocional. No fundo, o problema central é presumir que toda expressão feminina tem como finalidade agradar homens, apagando outras motivações legítimas como expressão pessoal, trabalho, arte ou simplesmente autoestima. A mulher negra, por exemplo, foi frequentemente retratada como naturalmente "sensual" ou "provocadora", como prediz Lélia Gonzalez em seu livro sobre feminismo afro-latino-Americano (2020, p.51).

A profissão de mulata é exercida por jovens negras que, num processo extremo de alienação imposto pelo sistema, submetem-se à exposição de seus corpos (com o mínimo de roupa possível),

[1] Estudante da disciplina de Educação popular feminista da Amazônia.

através do "rebolado", para o deleite do voyeurismo dos turistas e dos representantes da burguesia nacional. Ao tratar-se dos corpos das mulheres indígenas estas foram vistas como corpos disponíveis à dominação e sempre foram ridicularizados ou sexualizados.

58 - Nossa, você cozinha bem, já dá pra casar / Tem que aprender a cozinhar, pra ser uma boa esposa

Daniela Moura

Apresentamos essas duas expressões para abordar um pouco sobre o ato de cozinhar. A primeira expressão associa-se ao valor da mulher e à sua capacidade de desempenhar tarefas domésticas. Ela parte da ideia histórica de que o casamento é o destino principal feminino e que a função da esposa é cuidar da casa e servir. Ao vincular uma habilidade como cozinhar ao "merecimento" de casar, segundo Chimamanda Ngozi Adiche (2015).

> O ato de cozinhar, por exemplo. Ainda hoje, as mulheres tendem a fazer mais tarefas de casa do que os homens — elas cozinham e limpam a casa. Mas por que é assim? Será que elas nascem com um gene a mais para cozinhar ou será que, ao longo do tempo, elas foram condicionadas a entender que seu papel é cozinhar? (p.42-43).

Logo, a fala reduz a mulher a um papel utilitário dentro da relação, como se suas qualidades fossem critérios de aprovação, enquanto homens costumam ser valorizados por conquistas externas, mulheres ainda são frequentemente elogiadas por habilidades ligadas ao cuidado. Embora muitas vezes dita em tom de brincadeira, a frase reforça expectativas desiguais e naturaliza a ideia de que o trabalho doméstico é responsabilidade feminina. O problema não está em cozinhar, mas em transformar essa habilidade em medida de valor ou requisito para o casamento. Para mulheres negras e indígenas, essa frase também se conecta a uma história de exploração do trabalho doméstico. Mulheres negras, no Brasil, foram por séculos associadas ao trabalho forçado e, posteriormente, ao serviço doméstico precarizado. Já mulheres indígenas tiveram seus saberes e práticas culturais frequentemente desvalorizados, enquanto eram inseridas em lógicas coloniais de trabalho

Na segunda expressão a ideia de que o valor de uma mulher no casamento está ligado à sua capacidade de realizar tarefas domésticas. Ela parte do pressuposto de que ser "boa esposa" significa saber cuidar da casa e servir. Ao longo da história, as mulheres foram socializadas para ocupar o espaço doméstico, enquanto homens eram associados ao sustento financeiro. Cozinhar, limpar e cuidar dos filhos eram vistos como obrigações femininas, não como escolhas ou habilidades compartilhadas. Essa frase reproduz essa herança cultural ao apresentar o aprendizado doméstico como requisito para o casamento e não como uma competência útil para qualquer pessoa, independentemente de gênero. Segundo o livro Sejamos todas Feministas da autora Chimamanda Ngozi Adiche (2015).

> Em todos os lugares do mundo, existem milhares de artigos e livros ensinando o que as mulheres devem fazer, como devem ou não devem ser para atrair e agradar os homens. Livros sobre como os homens devem agradar as mulheres são poucos (p.29)

O problema central não está em saber cozinhar, mas em condicionar o valor feminino a isso. Quando se diz que a mulher tem que aprender para ser uma "boa esposa", reforça-se a ideia de que o casamento é seu destino principal e que sua função é servir. Isso mantém expectativas desiguais e perpetua a divisão tradicional do trabalho doméstico. Em resumo, a frase naturaliza papéis de gênero, transforma uma habilidade comum em obrigação feminina e reforça uma visão limitada do que significa ser uma parceira em uma relação.

Ademais, essa exigência se cruza com expectativas raciais históricas. Pois, mulheres negras foram socialmente treinadas para servir e muitas vezes fora de suas próprias casas e essa lógica ainda impacta a forma como seu trabalho é visto como obrigação, não como escolha. Mulheres indígenas, por sua vez, carregam o peso da invisibilização de seus modos próprios de organização familiar, que não necessariamente seguem o modelo patriarcal europeu imposto durante a colonização.

59 - Teu esposo deixa você sair com essa roupa?

Daniela Moura

A frase parte do pressuposto de que a mulher precisa da autorização do marido para decidir como se vestir, como se ele tivesse autoridade sobre sua aparência e suas escolhas. Logo, essa ideia está ligada à noção de que a mulher, ao casar, passa a estar sob tutela do marido, primeiro sob o pai, depois sob o esposo. Embora juridicamente isso tenha mudado em muitos países, culturalmente ainda persistem resquícios dessa mentalidade. A roupa, nesse contexto, vira símbolo de honra, respeito e controle masculino.

Com isso, também reforça a ideia de que a responsabilidade pelo comportamento dos homens (como olhares ou comentários) recai sobre a mulher e sua vestimenta. Em vez de questionar a atitude masculina, questiona-se a liberdade feminina. Mesmo quando dita em tom de brincadeira, a fala normaliza relações desiguais, sugere que o ciúme e o controle são naturais no casamento e enfraquece a autonomia da mulher sobre o próprio corpo. No fundo, o problema não é a roupa, é a suposição de que alguém precisa "deixar" uma mulher existir como ela escolhe. Ao tratar-se de mulheres negras, é notório frequentemente que sua roupa é associada a julgamentos morais mais severos, devido à hipersexualização histórica. Mulheres indígenas, quando utilizam vestimentas tradicionais, muitas vezes sofrem preconceito e quando não utilizam, também são questionadas, como se sua identidade estivesse sempre sob vigilância.

60 - Estou de "babá" ou ele está de "babá"

Daniella Cristina Almeida Barreto[1]

Expressão muito utilizada quando um pai está cuidando do seu filho. Na sociedade brasileira, o cuidado com os filhos não foi associado a tarefas de predominância masculina, considerando que a organização social estabelece papéis que definem as atividades a serem exercidas pelos homens e pelas mulheres (divisão do trabalho por gênero), para as mulheres de modo fatigante e desigual. Assim, o cuidado, o zelo e as tarefas do lar têm sido atribuídos às mulheres, mesmo quando estas desempenham atividades produtivas e laborais e o simples cumprimento da responsabilidade do pai é visto como uma atitude admirável e elogiável para os homens.

A linguagem possui a capacidade de desvelar os fenômenos que ocorrem no interior do tecido social, denunciando os sistemas que estruturam a sociedade brasileira como o patriarcado, o capitalismo e a divisão social e sexual do trabalho. Silva, Parrião (2020) problematiza que o cuidado com os filhos é atribuído à mulher, enquanto o trabalho realizado na vida pública e social é direcionado à figura masculina. Nesse sentido, a mulher exerce uma função invisibilizada e subalterna, enquanto o homem exerce papéis públicos produtivos numa posição hierárquica superior aos das mulheres na divisão sexual do trabalho.

Rosa (2019) relata que tais desigualdades foram naturalizadas, especialmente no campo da reprodução e na responsabilidade com os filhos, que quando não impactam na participação da mulher no mercado de trabalho, reforçam a dupla jornada e a manutenção da

[1] Mestranda em Educação e cultura PPGEDUC-UFPA e integrante do Grupo de Estudos e pesquisa em Educação, Gênero, Feminismos e interseccionalidade - GEPEGEFI.

dominação masculina. Portanto, quando dizem que um homem está de "babá", na verdade, ele simplesmente cumpre a sua função de pai. Através da conscientização da linguagem, é possível reconhecer os sistemas que operam na sociedade capitalista e patriarcal, possibilitando o enfrentamento da subalternidade e inferioridade do trabalho feminino.

61 - Roupa suja se lava em casa

Márjory Cuervo Bernal[1]

A expressão "roupa suja se lava em casa" reflete uma lógica histórica de silenciamento das violências e conflitos vividos no espaço doméstico, especialmente aqueles sofridos por mulheres. Mais do que um conselho sobre privacidade, esse ditado reforça estruturas familiares patriarcais nas quais abusos físicos, psicológicos e simbólicos foram frequentemente naturalizados e mantidos em segredo.

Nesse contexto, muitas mulheres foram socialmente condicionadas a suportar relações violentas em nome da preservação da família, da honra e da estabilidade do lar.

Essa ideia está profundamente vinculada a um modelo de família heteronormativo e patriarcal, no qual o homem ocupa o lugar de provedor econômico e autoridade máxima, enquanto à mulher é atribuído o trabalho doméstico, o cuidado da casa e da família, muitas vezes de forma invisibilizada e não remunerada. Essa divisão desigual de papéis legitima relações de poder que subordinam mulheres à obediência, dificultando a denúncia de violências e perpetuando ciclos de exploração dentro do ambiente familiar.

A antropóloga colombiana Virginia Gutiérrez de Pineda contribui significativamente para essa reflexão ao analisar como a família tradicional latino-americana foi estruturada por relações hierárquicas de gênero. Segundo a autora, "o exercício do poder do regime patriarcal se fundamentava na chefia econômica do pai, razão pela qual sua companheira e os filhos eram subordinados à obediência e ao respeito como retribuição forçada ao seu papel de

[1] Mestranda ~em Educação em ciências e Matemática, pela Universidade Federal do Pará, participante do Grupo de estudos e pesquisas em Educação, gênero, feminismos e Interseccionalidade -GEPEGEFI.

provedor" (1998, p. 41). Sua análise evidencia como a dependência econômica e os papéis de gênero historicamente impostos serviram para legitimar a exploração e o silenciamento das mulheres dentro do núcleo familiar.

Assim, questionar esse ditado é também problematizar uma cultura que, por muito tempo, transformou a casa em um espaço de opressão silenciosa para inúmeras mulheres, impedindo que suas dores fossem reconhecidas e enfrentadas socialmente.

62 - Maria macho

Ruan Victor Guedes Lima[1]

O colonialismo nos deixa uma série de heranças de violência que sustentam a modernidade/ colonialidade de gênero (Lugones, 2021). A misoginia, a lgbtfobia, o sexismo e o racismo são pilares que constituem e sustentam a lógica heteropatriarcal eurocentrada de mundo, capazes de colonizar nossas subjetividades, moldando nossas relações pessoais e com o outro. A expressão misógina "maria macho", desvela o ódio contra meninas, jovens e mulheres que não se enxergam na categorização da expressão do ser mulher, importada pelo colonialismo.

A marafunda colonial (Rufino, 2019) determina e naturaliza a binaridade de gênero com as suas respectivas funções e obrigações, sustentando uma estrutura de mundo estrangeira, que exclui e oblitera cosmopercepções outras, que nascem no berço da tradição de povos tradicionais e originários. Em um país que se ergue da encruzilhada mundo, no cruzamento de diferentes povos, urge uma pedagogia que nos arme contra opressões que encarceram nossas mentes e corpos.

[1] Mestrando do programa de pós graduação em educação, da Universidade Federal do Pará, participante do grupo de estudos e pesquisa em educação, gênero, feminismos e interseccionalidade- gepegefi

Referência

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. S**ejamos todos feministas.** Tradução de Christina Baum. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ANDRADE, Elisiane. A reprodução do machismo pelas mulheres e suas implicações in **Revista Cenarium.** 2025. Disponível em: https://revistacenarium.com.br/a-reproducao-do-machismo-pelas-mulheres-e-suas-implicacoes Acesso em: 18 fev 2026.

ANZALDÚA, Gloria. **Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo.** Revista Estudos Feministas, Florianópolis, ano 8, n. 1, p. 229-236, 2000.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo.** 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. (Obra original publicada em 1949.) Disponível https://bibliotecaonlinedahisfj.wordpress.com/wp-content/uploads/2015/03/o-segundo-sexo-2.pdf . Acesso em 19 fev 2026.

BERTH, Joice. **O curioso caso da discussão sobre etarismo que exclui o racismo: Mulher negra sofre com o preconceito, o abandono e a opressão da idade avançada mesmo quando ainda é jovem**. 26 agosto de 2022.Disponível em: https://www.terra.com.br/nos/opiniao/joice-berth/o-curioso-caso-da-discussao-sobre-etarismo-que-exclui-o-racismo,541461dff519d3b8dde48928b72bd8acte8eey16.html. Acesso em 18 fev 2026

BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades:** os limites da democracia no Brasil. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRASIL. **Lei nº 11.340,** de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm . Acesso em: 1 mar. 2026.

BRASIL. **Lei nº 14.192, de 4 de agosto de 2021**. Estabelece normas para prevenir, reprimir e combater a violência política contra a mulher. Brasília, DF: Presidência da República, 2021. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/l14192.htm Acesso em: 21 de fev. 2026.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011. (Consciência em debate; coordenação: Vera Lúcia Benedito).

COLLINS, Patricia Hill. **Black feminist thought: knowledge**, consciousness, and the politics of empowerment. 2nd ed. New York: Routledge, 2000.

CRENSHAW, Kimberlé. **Demarginalizing the intersection of race and sex**: a Black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. University of Chicago Legal Forum, Chicago, v. 1989, n. 1, p. 139-167, 1989. Disponível em: https://chicagounbound.uchicago.edu/uclf/vol1989/iss1/8/ . Acesso em: 1 mar. 2026.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DIAS, Brenda. A dupla servidão da mulher. *In:* **Apropriação capitalista do trabalho doméstico e reprodutivo não remunerado da dona de casa sob a perspectiva de gênero** Disponível em: https://www.observatoriodeseguranca.org/pesquisas-e-estudos/apropriacao-capitalista-do-trabalho-domestico-e-reprodutivo-nao-remunerado-da-dona-de-casa-sob-a-perspectiva-de-genero Acesso em: 10 fev 2026.

DI MOURA, Claudia. **Mundo Negro**: **O etarismo contra a mulher negra e o estigma da Tia Nastácia**. redação 11 de maio de 2024. Disponível em: https://mundonegro.inf.br/o-etarismo-contra-a-mulher-negra-e-o-estigma-da-tia-nastacia/. Acesso em 02 mar 2026.

FEDERICI, Silvia. **Caliban and the Witch**: women, the body and primitive accumulation. Brooklyn: Autonomedia, 2004.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: **Ciências sociais hoje.** São Paulo: Anpocs, 1984. p. 223-244. Disponível em: https://patriciamagno.com.br/wp-content/uploads/2021/04/GONZAL1.pdf . Acesso em: 1 mar. 2026.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Organização de Flavia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GONZALEZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras**: Lélia Gonzalez em primeira pessoa. São Paulo: Diáspora Africana, 2018. Disponível em: https://mulherespaz.org.br/site/wp-content/uploads/2021/06/feminismo-afro-latino-americano.pdf. Acesso em 1 mar 2026.

GRAELL, Fernanda. *et al.* Mães negras e com baixa escolaridade são maiores vítimas em casos de violência obstétrica, diz pesquisa da Fiocruz. RJ1; **G1**. Rio de Janeiro. 08 julho de 2024. Disponível em:https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2024/07/08/maes-negras-e-com-baixa-escolaridade-sao-maiores-vitimas-em-casos-de-violencia-obstetrica-diz-pesquisa-da-fiocruz.ghtml . Acesso em: 21 de fevereiro de 2026.

GUTIÉRREZ, V. Cambio Social, família Patriarcal y emancipación femenina en colombia. **Revista de Trabajo Social**. Nº 1, pag 39-50. Colombia, 1998. Disponível em https://repositorio.unal.edu.co/handle/unal/21692 Acessado em 30 abril de 2026.

HIGGINBOTHAM, Evelyn Brooks. **Righteous discontent:** the women's movement in the Black Baptist Church, 1880–1920. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1993.

HIRATA, Helena; Kergoat, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007. DOI: 10.1590/S0100-15742007000300005. Disponível em: https://www.scielo.br/j/cp/a/cCztcWVvvtWGDvFqRmdsBWQ/ . Acesso em: 1 mar. 2026.

HOCHSCHILD, Arlie Russell; MACHUNG, Anne. **The second shift**: working parents and the revolution at home. New York: Viking, 1989.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

HOOKS, bell. **Olhares negros:** raça e representação. São Paulo: Elefante, 2019. Disponível em: https://cpdel.ifcs.ufrj.br/wp-content/uploads/2020/10/bell-hooks-Olhares-Negros.pdf. acesso em 1mar 2026

HOOKS, bell. **E eu não sou uma mulher?** Mulheres negras e feminismo. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

LESBOFOBIA, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2026, https://dicionario.priberam.org/lesbofobia

LIMA, Adriane (coord.). **Caderno de educação popular feminista**: círculos de saberes e aprendizagens. [1. ed.] Guadalajara: CEAAL, 2021. Disponível *on line*. Acesso em: 20 fev. 2026.

PERES, Milena Cristina Carneiro. SOARES, Suane Felippe. Dias. Maria Clara Marques. **Lesbocídio:** o estudo dos crimes de ódio contra lésbicas no Brasil. *In* Periódicus, Salvador, n.10, v. 1, nov.2018-abr.2019 – Revista de estudos indisciplinares em gêneros e sexualidades Publicação periódica vinculada ao Grupo de Pesquisa CUS, da Universidade Federal da Bahia – UFBA ISSN: 2358-0844 Disponível em: http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus. Acesso em: 23 fev 2026.

PINHEIRO, Luana Simões; TOKARSKI, Carolina Pereira; VASCONCELOS, Marcia. **Vulnerabilidades das trabalhadoras domésticas no contexto da pandemia de Covid-19 no** Brasil. Brasília: Ipea; ONU Mulheres, 2020. (Nota Técnica, n. 75, Disoc). Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/items/d75f2e32-2b60-49c3-bc32-2cfb958f30b4 Acesso em: 1 mar. 2026.

PIRACICABA. Câmara de Vereadores. Procuradoria Especial da Mulher. **Dicionário de expressões machistas**. Piracicaba: Câmara de Vereadores de Piracicaba, [20--]. 40 p. Disponível em: https://www2.camarapiracicaba.sp.gov.br/documentos/Dicionario_Machista.pdf. Acesso em: 1 fev. 2026.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. Produção Editorial LTDA, 2019.

RIBEIRO, Djamila**. O que é lugar de fala**? Belo Horizonte: Letramento, 2017

ROSA, Vanessa de Castro. **A discriminação do trabalho feminino a partir da divisão sexual do trabalho**. Revista de Estudos Jurídicos UNESP, Franca, 2019. Disponível em: https://www.researchgate .net/publication/343432748. Acesso em: 30 abr. 2026.

RUBENS, Joseph. **Dormindo com o inimigo**. Estados Unidos: Century Fox, 1991. Filme.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. A

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência.** São Paulo: Expressão Popular, 2015.B

SARKIS, Stephanie Moulton. **O Fenômeno Gaslighting**: São Paulo: Cultrix, 2019.

SILVA, Lorena Alves; PARRIÃO, Karoline Rodrigues. **Gênero e divisão sexual do trabalho:** o cuidado e a responsabilidade dos filhos pela mulher, como expressão da desigualdade de gênero. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2020. Disponível em: https://anais.uel.br/portal/index.php/SGPP/article/view/1155 . Acesso em: 30 abr. 2026.

SOUSA, Renata Floriano de. Cultura do estupro - a prática implícita de incitação à violência sexual contra mulheres. **Rev. Estud. Fem.** [online]. 2017, vol.25, n.1, pp.9-29. ISSN 1806-9584. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S0104-026x2017000100009&script=sci_abstract Acesso em: 20 fev 2026.

ZALESKI, Clairí; RUFINO, Luiz. Corre-Gira Pombagira: a política do saber das Marias no Ser Mulher. **Abatirá-Revista de Ciências Humanas e Linguagens**, v. 2, n. 4, p. 143-161, 2021.

Vozes feministas da Amazônia: glossário pedagógico é um lugar de onde as palavras brotaram a partir das raízes profundas e teimosas das mulheres ribeirinhas, quilombolas, indígenas, afroamazônidas, urbanas e periféricas, que tiveram seu direito negado em dizer a palavra. Este glossário é o que acontece quando essas vozes se encontram, quando a floresta vira conceito, o rio vira metodologia e o corpo feminino vira território de saber. Não há definições fixas aqui. Há sementes, perguntas que nos ensinam mais que respostas. Há a coragem de nomear um outro mundo com as palavras que este mundo tentou silenciar. Assim, leiam como quem ouve, como quem aprende a ver, porque aqui a educação popular feminista encontra a floresta, o rio e a encruzilhada. Cada verbete carrega o chão de onde foi falado e convida quem lê a repensar o que sabe, desaprender o que oprime e reimaginar o que é possível.

Pedro & João Editores
pedrojoaoeditores.com.br

ISBN 978-65-265-2966-9